

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLITICA DE SÃO PAULO  
(INSTITUIÇÃO COMPLEMENTAR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

ESTUDO DE ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO

TESE APRESENTADA AO CORPO DOCENTE  
DA DIVISÃO DE ESTUDOS POST-GRADUADOS EM  
CUMPRIMENTO DE UMA DAS EXIGÊNCIAS PARA A OBTENÇÃO  
DO GRAU DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS

POR  
VIRGINIA LEQUE BECUDO

SÃO PAULO, 1970



## ESTUDO DE ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO

### I - INTRODUÇÃO

### II - ATITUDES MANIFESTADAS:

- a) - por pretos da classe social "inferior"
- b) - por pretos das classes sociais intermediárias
- c) - por mulatos da classe social "inferior"
- d) - por mulatos das classes sociais intermediárias
- e) - por um dos membros da diretoria de uma associação de homens de cor.
- f) - através do jornal da associação

### III - RESULTADO E HIPÓTESES PARA PESQUISA POSTERIOR.

## I N T R O D U C Ç Ã O

O presente trabalho é um estudo preliminar que visa ilustrar a aplicação de um método e uma técnica na coleta de dados e abrir caminho para pesquisas posteriores. O problema abordado refere-se às atitudes raciais de pretos e mulatos, em São Paulo. Através de alguns casos procuramos conhecer as atitudes de pretos e mulatos relacionadas com a questão racial, a fim de levantar hipóteses que exigirão novas observações para confirmá-las, melhorá-las ou substituí-las. Na coleta do material assumimos a posição de observador, procurando no mundo exterior as evidências para a formação das hipóteses. Todavia, ao iniciar o trabalho de campo, possuíamos um corpo de conhecimentos, que nos sugeriu a escolha do problema a estudar, assim como a orientação do plano de investigação. Referimo-nos ao trabalho Negrees in Brasil de Donald Pierson (1), o qual tomamos como base, e ao trabalho de Everett Stonequist intitulado The Marginal Man (2).

A atitude é um elemento da personalidade adequado para o estudo de relações raciais. Sendo a atitude determinada pela natureza original do homem e pelas condições sociais em que vive é necessário distinguir entre atitudes individuais e atitudes sociais. As atitudes sociais expressam o aspecto subjetivo da cultura e conduzem ao conhecimento das condições sociais que concorreram para sua formação. Segundo expressão de Paris (3) a atitude é o modo de conceber um objeto. Constitue portanto um meio exato e fértil para o conhecimento da atitude de uma pessoa pedir-lhe que defina objetos particulares. As atitudes, diz o mesmo autor, representam os aspectos estáveis e organizados da personalidade e tendem a

- 1 - Donald Pierson, Negrees in Brasil, A Study of Race Contact at Bahia (Chicago, 1937).
- 2 - Everett Stonequist, The Marginal Man (New York, 1937).
- 3 - Paris, "The concept of social attitudes" The Nature of Human Nature (New York and London, 1937), pg. 133.

persistir enquanto funcionar bem e permitir a conduta para proceder de um modo satisfatório. Evidencia-se a profunda significação das atitudes no processo de interação social. Não menos significativo é o estudo das atitudes sociais para a investigação dos processos de mudança social. Consoante as observações de R.E.Park (4) as mudanças sociais começam com as mudanças nas atitudes condicionadas pelos indivíduos, operando-se posteriormente mudanças nas instituições e nos "mores".

O método e a técnica empregados na pesquisa foram o "estudo de caso" e a entrevista. Procuramos conhecer as condições de casos individuais e de uma associação de "homens de cor", empregando como técnicas de trabalho a entrevista e a análise de opiniões emitidas no jornal, mensário da associação mencionada. O material referente à associação de homens de cor, demonstrando as atitudes assumidas publicamente, valeu-nos para as observações de aspectos da estrutura social, observação esta aprofundada no conhecimento de outros aspectos evidenciados pelas entrevistas.

Para atingir a finalidade das entrevistas no conhecimento das atitudes sociais no que concerne à "raça", demos sempre atenção aos aspectos de interação entre o entrevistador e o entrevistado. Quanto ao primeiro, procuramos estar conscientes dos motivos pessoais que nos conduziram à pesquisa, bem como procuramos conhecer nossas atitudes sobre o problema em estudo, para o desenvolvimento de auto-controle e auto crítica e assim evitar interferir na entrevista e na interpretação do material colhido com possível projeção de condições pessoais. Quanto ao entrevistado consideramos o fenômeno do "rappert" ou da transferência, procurando estabelecer as condições psico-afetivas em que o entrevistado se dispõe a comunicar-nos suas atitudes, mesmo aquelas que em geral estejam intencionalmente ocultas por causas sociais, mias ou outros motivos.

4 - Robert E. Park, "Human Nature, Attitudes and the Mores", Social Attitudes, Kimball Young, 1931, pg. 17.

Entrevistámos mais de 30 pessoas para realizar nosso trabalho de carater "exploratório", isto é, trabalho de sondagem com o objetivo de levantar hipóteses para pesquisas subseqüentes com maior número de observações. Foi nosso intento obter um relativo número de casos afim de que as hipóteses sugeridas pelo material coligido apresentassem certo grau de validade. Impondo-se a limitação da observação, o número de casos foi limitado pela verificação da variabilidade das atitudes apresentadas nos diferentes casos. Aliás, este é o critério adotado quando utilizamos a técnica da entrevista: "o numero de entrevistas necessárias difere com a variabilidade da informação obtida. Quanto mais os entrevistados diferem em seus relatórios, tanto mais pessoas são necessárias para entrevistar" (5).

Além dos casos por nós entrevistados, tivemos a contribuição dos alunos do Seminário de Método dirigido pelo Prof. Donald Pierson, os quais apresentaram observações sobre atitudes de pretos e mulatos em São Paulo.

Este trabalho foi realizado em São Paulo, tendo sido iniciado em 1941 e terminado em 1944. Dos 30 casos apresentados 11 foram encontrados na Clínica de Orientação Infantil da Secção de Higiene Mental Escolar, representando portanto elementos das classes sociais que enviam crianças para os grupos escolares. Visitando os grupos escolares da Capital tomavamos o endereço de escolares pretos ou mulatos e nos dirigiamos aos pais, dizendo-lhes que desejavamos conhecer as condições do ambiente efetivo para orientá-los na educação dos filhos. Procediamos exatamente como nos demais casos da Clínica, em que, visando melhor ajustamento da personalidade da criança, faz-se necessário o estudo do ambiente efetivo. De fato, em todos os casos foi sempre imprescindível uma orientação educativa. Esta situação de dependência da Clínica, na qual os pais dos escolares foram colocados, facilitou-nos a tarefa de estabelecer contato com pessoas estranhas. Os casos foram

---

5 - Bingham, Walter Van Dyke, and Moore Bruce Victor, How to Interview, ed rev. (Harper and Bros, 1934), pg. 36.

colhidos em diversos grupos escolares, situados nos seguintes distritos: Bela Vista, Sant'Ana, Vila Mariana, Barra Funda e Moóca. Estes, com exceção de um, tódos pertenciam à classe social "inferior".

As pessoas de cõr das classes sociais intermediárias foram procuradas por meio de apresentações de sorte que inicialmente aquelas pessoas eram informadas sôbre nosso intento.

Todas as entrevistas tiveram por finalidade conhecer as atitudes do individuo de cõr referentes ao preto, ao mulato e ao branco.

Relações Raciais, no sentido mais amplo conforme Park (6) compreendeu, podem abranger todas as acomodações nas quais algum equilibrio relativamente estável foi alcançado assim como também as situações de conflito. Dentro de tão vasto terreno circunscrevemos nossa observação às atitudes raciais de pretos e mulatos. A priori não sabiamos quais fossem as possibilidades de elaborar hipóteses sôbre a situação racial através da observação de atitudes raciais. Podemos afirmar, entretanto, que somente foram formuladas as hipóteses que, a nosso parecer, o material permitiu.

Por dever de gratidão aqui fica expressa uma homenagem ao Professor Donald Pierson, que dedicadamente nos orientou em tódo o desenvolvimento da pesquisa. Ao Prof. Mário Wagner apresentamos nosso reconhecimento pela contribuição na forma de crítica construtiva. Ao Prof. Durval Marcondes, chefe da Secção de Higiene Mental Escolar, nossos sinceros agradecimentos pela contribuição na coleta de dados.

---

6 - Robert E. Park "The Nature of Race Relations", Race Relations and the Race Problem, ed. por Edgeri Thompson (Duke University Press, 1939) pg. 3.

## II - ATITUDES MANIFESTADAS POR INDIVIDUOS ENTREVISTADOS

Considerando que uma das formas de se conhecer determinada situação racial seja dada pelo status social do mestiço, distribuimos o material colhido nas entrevistas em dois grupos: em um grupo reunimos os pretos, em outro agrupamos os mulatos. Por sua vez, subdividimos cada grupo em dois subgrupos consoante a classe social.

Para a classificação racial do ponto de vista social, que nem sempre coincide com a classificação da antropologia física, adotamos determinado critério. Na categoria de pretos colocamos indivíduos de côr preta e cabelos encarapinhados, cujos pais apresentassem os mesmos traços físicos, e mulatos chamamos aos de côr parda, possuindo um dos genitores preto e outro branco, ou um pardo e outro branco, ou ambos genitores pardos. Através das entrevistas veremos que a concepção do mulato de si próprio varia na razão de seu status social. Uns se consideram pretos, enquanto outros se têm por brancos.

Como critério para a classificação social dos entrevistados baseamo-nos 1) na condição econômica, 2) na profissão e 3) no nível de instrução, por observar que aqueles fatores constituíam elementos que determinam nos indivíduos a concepção de pertencer à classe social inferior ou dela se excluir.

Pertinentes à classe social "inferior", considerámos os indivíduos de pequena capacidade aquisitiva, cuja renda global da família atingia a Cr.\$500,00, em média (com exceção de um caso nº 18), indivíduos com profissões como motorista, operário, servente, cosinheira, empregada doméstica e possuído no máximo curso primário.

Os indivíduos enquadrados nas classes sociais intermediárias apresentam capacidade aquisitiva acima de Cr.\$500,00, possuem profissões liberais ou são funcionários públicos e têm no mínimo curso secundário.

É preciso notar que os salários correspondem às condições econômicas de 1941, época em que colhemos o material das entrevistas.

a) - casos de pretos à classe social "inferior"

Caso nº 1 - Antonia pertence à classe "inferior". É preta, e pretos foram seus pais. Aparenta 40 anos. Reside em Vila Mariana, há mais de 20 anos, onde seus pais possuíam uma chácara, que perderam. Até poucos meses dava pensões a domicílio, mas obrigada a mudar-se de casa, por demolição do prédio, perdeu a freguezia. Atualmente trabalha por dia como empregada doméstica. Possui quatro filhos: duas de cor parda, de 18 e 16 anos, e dois meninos pretos, com 12 anos um e outro com 10 anos de idade. É analfabeta.

Antonia relatou-nos o seguinte: "Os meus filhos são ilegítimos. A primeira é filha de um português, a segunda de um mulato, e os dois meninos são filhos de um "patricio" (preto). O português foi bom para mim. Separei-me do preto porque ele não me ajudava economicamente a criar os filhos. Não quero mais saber de ligações com "patricios". Fui criada por brancos. Minha madrinha dizia sempre: "porque os pretos não se unem, para conseguir vida melhor?". Hoje vejo que a raça de cor não tem união, porque cada um quer ser mais que o outro".

Caso nº 2 - Benedita é cosinheira. Conta 46 anos de idade. Reside no bairro da Bela Vista. Criou-se em casa de distinta família em São Paulo, cujo chefe ao falecer deixou Cr. \$100,00, que recebe mensalmente. Foi casada com um preto e enviuvou há 5 anos. Teve 6 filhos; possui apenas 2 meninas menores e 2 netinhas escolares, zela pelas filhas e netas para que adquiram bons princípios de moral. É filha de pretos. É analfabeta.

Quanto à sua opinião sobre os pretos, disse-nos: "os pretos não se casam, ajuntam, porque são criados largados. Não gosto de ver preto casar com branco, e fazer pouco caso do preto".

Caso nº 3 - José é preto, filho de pretos. Tem 32 anos de idade. Mora no bairro de Saracura Pequena. Foi criado sem mãe, em casa de uma família hespanhola. Criou-se por si mesmo. Foi servente de pedreiro, há quatro anos e operário. É alfabetizado. É casado com uma preta e possui 2 filhos.

Externou-nos as seguintes opiniões: "Não sou fanático por esse negocio de união de pretos. Divirto-me em casa. Nunca fui desprezado. Dou-me bem com os vizinhos. Entre os proprios negros uns querem ser melhor do que outros. Às vezes sou mais bem tratado por branco do que por "patricio" (preto).

Caso nº 4 - Justina transferiu residência do interior para a Capital há 5 anos. É preta, filha de pretos e casada com um preto motorista. Possui um filho de 9 anos. Aparenta 30 anos; trabalha como empregada doméstica. É alfabetizada.

Quanto aos pretos afirma: "quasi não tenho relações com gente de cor, porque são pessoas invejosas, desejam ver-nos sempre mal economicamente ou lutando com doenças; então ficam satisfeitos. Dou-me melhor com os vizinhos brancos. Desejaria ser branca, mas que fazer... Não me sinto infeliz por ser preta, mas pelas dificuldades economicas e pela doença de mãe".

Caso nº 5 - A entrevistada é preta, com 45 anos de idade, casada com um mulato empregado doméstico. Possui dois filhos, um mulato e um preto. Residem em São Paulo há 5 anos. Foi cosinheira de uma família em cidade do interior. É analfabeta. Moram num barracão.

Relato da entrevistada: "Tenho amizades tanto com pessoas de cor como com brancos. Ter um filho mulato, mais claro do que nós os pais, não me dá nenhuma satisfação, orgulho ou vaidade; ao contrario gostaria que ele

fosse mais escuro. Quando o menino nasceu era tão claro que desconfiaram, mas o pai de meu marido era branco. Acho os pretos mais orgulhosos do que os brancos. Tenho uma vizinha mulata "granfina", veste-se bem e só se dá com granfinos, apenas cumprimenta os vizinhos pretos. No interior trabalhei como cosinheira durante muitos anos em casa de família de posses e fui muito querida. Era eu quem preparava o jantar para pessoas de destaque que iam de São Paulo e fui eu quem vestiu as noivas da casa. Muitas vezes senti o orgulho dos patrões, mas acho maior o orgulho entre pretos de melhor situação".

Caso nº 6 - A entrevistada é preta e conta 43 anos de idade. É empregada doméstica, casada com um preto, o qual trabalha num bar (limpeza). Vivem com Cr. \$450,00. Habitam um cortiço. Tem 4 filhos vivos e 5 mortos, sendo 3 na primeira infância. É analfabeta. Afirmou-nos não pensar na cor, dar-se bem com pretos e brancos. Tudo estava bem até a morte do filho (afogado), de 16 anos que já ganhava para auxiliar a família; daquele desastre para cá e que se sente aborrecida e nervosa, chegando a não tolerar as crianças do vizinho (brancas).

Caso nº 7 - Trata-se de uma pessoa de 28 anos de idade, cor preta, solteira com um salário de Cr. \$120,00, trabalhando como empregada doméstica. Possui 5 irmãs adultas sendo duas cosinheiras e três operárias e um irmão adulto desordeiro. É analfabeta.

Do relato da entrevistada: "O branco faz pouco caso do preto, por causa da cor. Quando me mudei do interior para São Paulo (há 10 anos) sofri muito porque na rua me xingavam de negra ou mexiam comigo. Certo dia eu passava por uma rua (Bela Vista), vestida com uma blusa branca bem engonada, e uma moça que sempre me aborrecia, me disse: "mosca caída no leite". Não me contive e virei-lhe um tapa no rosto. Nunca mais ela mexeu comigo. Nas lojas da cidade quando a gente entra para comprar alguma coisa, só é atendida depois de muito esperar".

#### Análise das atitudes manifestadas nos casos apresentados

Os casos de pretos da classe "inferior" apresentados evidenciam:

- a) - Distância social entre os pretos manifestada por atitudes de rivalidade ("cada um quer ser melhor do que outro"), de desprezo ("é pior o desprezo do preto que melhora economicamente que o do branco"), de antipatia ("preto não gosta do preto"), de antagonismo ("os pretos são contra os pretos"), e de inveja ("os pretos são pessoas invejosas, desejam ver-nos sempre mal").
- b) - Os pretos entendem-se melhor com os brancos ("dou-me melhor melhor com os vizinhos brancos"). Todavia, em face do branco, há indícios do desejo de manter-se leal ao preto ("não gosto de ver preto casar-se com branco, é fazer pouco caso do preto").

A afirmação de que "é pior o desprezo do preto" implica alguma percepção de desprezo proveniente do branco, assim como na expressão "às vezes sou mais bem tratada por branco do que por preto" compreende-se que nem sempre assim se passa. O preto demonstra sentir-se mais ferido pelo desprezo do próprio preto do que do branco, talvez como resultado de seu sentimento de inferioridade, em virtude do qual ao mesmo tempo que acentua antagonismo contra o preto, torna-se mais suscetível àquele sentimento, enquanto perante o branco "superior" diminui o sentimento de hostilidade e se faz menos suscetível às reações do branco.

Tais atitudes de antagonismo contra o preto, e convívio com os brancos se constituiriam em um dos fatores para a ausência de solidariedade observada entre os pretos e por alguns deles latismada.

Do exposto depreendemos a seguinte hipótese: as atitudes do preto da classe social "inferior" para o preto e para o branco estariam baseadas no sentimento de inferioridade o qual determinaria sentimento de antagonismo contra o preto e de simpatia para o branco. A atitude de antagonismo do negro resultaria em falta de solidariedade entre pretos, enquanto a atitude de simpatia para o branco, não somente torna o preto mais tolerante, como indiretamente concorre para atenuar qualquer manifestação de antagonismo da parte do branco, de onde maior convívio entre pretos e brancos.

b) - Casos de pretos das classes sociais intermediárias

Quando focalizamos os pretos de profissões liberais, intelectuais ou funcionários de carteira, possuindo, portanto, melhores condições econômicas e com instrução, no mínimo, de nível secundário, observamos que as atitudes ligadas à cor se evidenciam de forma muito mais pronunciada do que quando nos referimos ao preto da classe social "inferior".

Caso nº 8 - Trata-se de um preto, criado por brancos, que, transferindo-se de importante cidade paulista, fixou residên-

cia em São Paulo há cerca de 20 anos. Possui curso secundário secundário e exerce uma profissão intelectual. Queixa-se amargamente por sofrer em consequência de preconceito de cor. Relatamos suas experiências desagradáveis e humilhantes das quais se originou aguda sensibilidade para o trato diário com o branco. Seguem-se suas palavras:

"A questão racial no Brasil, prende-se à queda do regimen escravocrata, com a abolição da escravatura, que acarretou a ruína de muitos fazendeiros. Venço-se arruinados, os fazendeiros investiram injustamente seu odio contra o negro, como e facilmente verificado nas cidades fastigiosas do interior. Em São Paulo o preconceito parece gerado pelo convívio com imigrantes. Afirma-se na Bahia, como o fez o Professor Pierson, que o negro rico não sofre preconceitos (sic). Tal afirmação não é verdadeira em São Paulo. Em primeiro lugar, pode-se afirmar que não existe negro economicamente independente, portanto, aqui entendemos por negro rico aquele que for instruído, educado. As experiências diárias mostram que também eles sofrem as consequências da cor da pele. O Centro dos Funcionários Públicos vedou a entrada a moças formadas em nossas escolas secundárias, filhas de um intelectual que entre nós exerce suas funções, unicamente por se tratar de pessoas de cor.

"Sob minha chefia trabalham vários moços. Certo dia um deles entrega-me um convite de festa de formatura em presença de sua irmã. No dia seguinte conta-me ingenuamente o rapaz: "ontem minha irmã ficou preocupada vendo-me convidado para a festa de formatura e me censurou. Tranquelizei-a imediatamente dizendo-lhe que o havia convidado porque sabia que o senhor não iria". Acidentes como estes são pequeninas cousas do branco que me fazem confiar desconfiando. Passava diante de um estabelecimento de diversos quando por algum motivo parei e ouvi que alguém me dirigia a palavra. Dizia-me o porteiro do estabelecimento: "voce não pode entrar aqui". Eu, que não estava interessado em entrar naquela casa de diversos insisti em saber porque não poderia entrar, pedindo falar ao gerente. "O gerente está muito ocupado e não pode atender um negro". Acontece porém que no momento o gerente apareceu à porta indagando o que havia. Conheciamo-nos por causa do meu trabalho e logo indagou-me; expliquei-lhe o ocorrido. Virando-se para o porteiro que era preto, diz-lhe: "este preto pode entrar, ele manda em São Paulo, e voltando-se para mim - vamos entrar?". Eu que não pretendia mais do aquela satisfação despedi-me.

"A amizade do branco para o negro é sempre interesseira. Dado o cargo que ocupo há interesse em me agradar, fora disso pouco valor tenho; não sou homenageado simplesmente pela minha pessoa, mas as atenções são para as funções, que exerço."

"Possuo amigos íntimos brancos, com os quais fui criado na infância. Somos íntimos até hoje, são pessoas que se hospedam em minha casa assim como eu e minha família em casa deles. Vejo nestas amizades a gratidão por minha mãe ter criado pessoas da família deles. Quando criança eu e eles sempre eramos tratados igualmente. Mas o vigário me divertia sempre "lembre-se que voce não é igual a eles." Eu, porém, não compreendia o sentido daquelas palavras. Somente muito mais tarde as entendi. Mesmo estes amigos íntimos demonstram preconceito em certas ocasiões. Estávamos em Santos e terminamos

o jantar quando alguém sugeriu irmos ao casino. Para lá nos encaminhamos e um deles fala ao ouvido do outro. Pela resposta - "Não, ele é branco" - compreendi o que se passava e disse: Não vou ao casino com vocês; poderia ir porque eu entraria, pois o gerente é amigo meu, mas não quero ir. Insistiram para que eu fosse, mas eu não teria prazer em estar lá. Isto significa que um amigo íntimo, branco, de infância teve receio de entrar no casino em minha companhia.

Disse-me alguém - "aqueles negros da rua Direita deviam fazer como você: estudar e viver no meio da gente." O sindicato dos logistas dirigiu um ofício ao Delegado da Segurança Pessoal, pedindo providências para o trânsito de pessoas, pela Rua Direita, sábado e domingo, especialmente com relação às pessoas de cor. Esta atitude e em consequência do preconceito de cor. Achar feio aquele desfile de negros no centro, que constitui a única manifestação da presença do negro em São Paulo. Alegam o prejuízo para o comércio, mas se o negro da Rua Direita tem baixo poder aquisitivo eles vão contar as patroas onde viram esta ou aquela mercadoria e neste sentido estariam mais auxiliando do que atrapalhando o comércio. Penso que a medida a tomar na solução da concentração do negro na rua Direita consistiria em dar-lhe instrução e educação - desta forma o negro adquiriria melhores maneiras, as moças não se apresentariam em trajés de "soiree" na rua e nem conversaria em voz alta assuntos que não se falam na rua.

Tal atitude de preconceito em São Paulo não é única - pelo mesmo motivo cogita-se de tirar a Igreja do Rosario do Largo Paisandu, dizem que para erigir ali um monumento. Discutindo o assunto com um branco católico respondeu-me - "É preciso limpar aquele local, tirar a Igreja dali".

Há dias, em Indianopolis, uma empregada matou a patroa porque esta a chamava de negra. São comuns as reações agressivas por ofensa. Tenho modo de pensar diferente do preto, em geral, que acha que é necessário reagir contra o branco. O meu argumento é o seguinte - você é motorista de tal família e sua mulher é empregada doméstica; você reage e depois como sustentar seus filhos? Acho que a condição do negro só poderá melhorar pela divulgação da instrução entre eles.

Há tempos fui homenageado com um almoço pelos meus amigos brancos. Estes procuraram o Hotel d'Oeste para a homenagem, mas quando o gerente soube que o almoço seria oferecido a um preto, embora me conhecesse, recusou aceitar a encomenda. Foi necessário que se realizasse o almoço em outro local.

Um de meus mais íntimos amigos branco me convida para todas as festas em sua casa as quais não compareço. No dia seguinte sempre me telefona indagando porque não compareci. Houve uma festa de formatura no Esplanada, convidou-me e não fui, mas noto que não sendo em sua casa, ele até hoje não reclamou por eu não ter ido.

"Conversando com um dos meus superiores, muito meu amigo, diz-me naturalmente - "fiz uma campanha contra fulano; calcule um negro querendo ter determinado cargo". Como estivéssemos diante de outros empregados, para não envergonhá-lo, concordei com ele dizendo: essa gente pouco alcança e tem grandes pretensões. Entretanto, tratava-se de um negro de valor, mas não reagi para evitar conflitos inúteis.

"Percebo que se trata com deferência para descobrir qualquer coisa. Existe preconceito de cor e de classe - sou doente e sei portanto onde me doi. O preto sobe na carreira ocupacional dando o triplo. Se para o branco for necessário saber A, o preto deverá saber A, B e C".

"Terminado o curso primário fui prestar exames para o curso secundário, na cidade vizinha. Dias depois os jornais publicaram os resultados - eu estava colocado em 3º lugar entre os concorrentes. A minha colocação despertou a admiração de todos na cidade. Muitos chegavam a me perguntar - "você é o preto que tirou o 3º lugar nos exames?". Eu achava natural e não compreendia o motivo de tanta admiração. Mais tarde ao ingressar na profissão que atualmente exerço, fui submetido a um exame. Entretanto notei que somente de mim exigiram conhecimentos além do estipulado para os outros. Depois de comprovar que tinha conhecimento além do esperado fui aceito no emprego.

"Consequentemente resulta ódio, raiva e ressentimento da parte do negro. Eu perdoo, mas o negro sem educação briga. Vivo isolado de certas situações sociais e assim acontece com todos os negros de minha classe - acham-se afastados de certos aspectos da vida social.

"Os pretos pouco se visitam. Há preconceitos entre o próprio preto. Muitos não querem demonstrar a sua origem e por isso não se reúnem. O negro não quer ser negro. Eu faço questão de ser negro. Os pretos sem educação não gostam de mim: dizem que vivo fazendo graças para o branco, colocando o negro em ridículo. Uma sociedade recreativa de pretos me vedou a entrada. Quando vou a uma festa, nas raras vezes que vou, procuro sempre me apoiar em amigos brancos chegados, evitando ficar só. Quando percebo que vou ficar só, sem apoio de uma pessoa mais chegada, retiro-me imediatamente."

C  
Caso nº 9 - "Meus avós eram pretos; residiram no interior do Estado de São Paulo. Meu avô materno era português e minha avó era preta. Ele se instalou na cidade A. com uma banca para vender doces no mercado. Tinha duas filhas. Ambas se casaram. Minha mãe casou-se duas vezes e teve 12 filhos, sendo um do primeiro casamento. Sou o 2º filho. Meu irmão mais velho é revisor de um jornal no Rio de Janeiro. Ele é um indivíduo cordato. Não se interessa pelo problema racial, não sente como eu. É festeiro. Abaixo de mim havia uma irmã que faleceu aos 12 anos; depois segue uma irmã casada, há 5 anos, com um preto, empregado no comércio. O caçula é casado, trabalha em um banco. Conversa pouco, gosta de observar, é impulsivo. Tem compreensão do problema racial, mas não se interessa porque acha inútil. É carnavalesco. Os outros irmãos faleceram pequenos. Meu pai foi carpinteiro, um artista dentro de sua profissão. Cantava e tocava bem. Na cidade A. foi um agitador. Formava sociedades no sentido de combater o preconceito racial. Em sua cidade permanecem as famílias escravocatas, onde o negro se torna um submisso ou um agitador. Meu pai agia através de bailes. Foi secretário, presidente e orador de várias sociedades de negros. Lembro-me de que meu pai tinha genio arrebatado, impulsivo. Em casa quase não conversava, mas tinha amigos, era muito divertido, tocava violão. Faleceu aos 35 anos de idade, atacado de varíola. Eu contava 7 ou 8 anos de idade.

A. era uma cidade de pobres e ricos, onde os primeiros passavam tremenda necessidade. Para o sustento das crianças minha mãe lavava roupa e teve o auxílio de minha avó materna. A criança se ocupava na entrega de roupa lavada, em auxiliar a passar e engomar. Eu não gostava disso. Preferia ir ao mercado onde os fazendeiros davam Cr.\$1,00 para a molecada segurar o cavalo. À tarde eu tinha meus Cr.\$5,00. Ou então eu levava os doces da vovó para o mercado. Tínhamos forte desejo de comer

aqueles doces, mas estavam proibidos, eram para ser vendidos. No caminho, porém, comíamos a fartar, o arroz doce, tirando camadas de cima. Cobríamos novamente o arroz doce com canela em pó que levávamos escondido, para que vovó não percebesse. Eu tinha 8 ou 9 anos e começava a compreender a necessidade da vida - gostava imensamente de doces e não podia obtê-los por falta de dinheiro. Da infância ficou-me gravado o desejo de comer doces e o fato de não poder satisfazê-lo. Para mim o doce era tudo. Uma casa comercial da cidade, naquele tempo, dava amostras de açúcar; eu frequentemente pedia amostra de açúcar para comer. Entrei para o grupo escolar. Às vezes não tinha lanche para levar. Pelo meu irmão, minha mãe mandava pão e uma garrafinha com café. Mas quando ela não podia mandar-me o lanche enchiam-me de tristezas, vendo as outras crianças com marmelada, pão e manteiga. Mas eu não pedia. Como hoje, na infância eu não sabia pedir. Na entrada da escola havia uma palmeira que dava coquinhos, eu ia comê-los para me compensar e depois ia brincar. Nunca fui dado ao estudo. Não me preocupava com os problemas difíceis durante as aulas porque na escola eu não conseguia resolvê-los. Ia resolvê-los depois com vagar, em casa. Parecia que a professora ia me por de castigo se errasse. Poucas vezes era chamado à lousa, e tinha tanta vontade de ser. Gostava de me levantar para ler ou responder perguntas, prazer que raramente satisfiz. O que mais me impressionava, no tempo da escola, era um quadro de jesuitas entre índios e um outro jesuita levado pelo índio para a fogueira. Todas as vezes que eu passasse pelo quadro tinha de olhá-lo; e sentia a impressão de que também iria ser devorado pelos índios. Eu não gostava de estudar, mas aprendia com facilidade; fiz os 4 anos primários sem repetir. Frequentava também o Externato dirigido pelos padres, para os pobres: havia catecismo, José Minhoca, trucs, recreio. Os padres brincavam conosco. Eles nos davam notas de acordo com a frequência. Eu me interessava em ter boas notas, pois que davam direito a um prêmio: uma roupinha, um brinquedo, podíamos escolher. Fiz a 1.ª comunhão aos 12 anos. Toda a minha família é católica. Vovó levava-me à igreja. Durante a pregação eu dormia. Mas lá me impressionava muito um santo com uma espada pisando na cabeça de um satanaz negro. Depois de moço voltei aquela cidade para ver o quadro que tanto me impressionava na infância. Era sempre perto do santo temido que vovó se sentava. Por medo eu fugia da companhia dela sem lhe dizer o motivo. Ela era energética e castigava-me. Eu fui o mais trazido no "cabresto". O satanaz negro prendia o meu olhar. Aos 7 anos mais ou menos ganhei um livro, onde uma figura representava os anjos bons e os maus. Havia me despertado a atenção o fato dos anjos escurecerem à medida que se tornavam maus. Com tristeza eu identifiquei a cor preta ao mal. Fui manhoso quando criança; era bastante que tirassem o que me pertencia para chorar. Era muito sentimental. Parece que depois de uma revolução embarcamos daquela cidade para São Paulo; eu teria meus 13 anos. Aqui a família se desbaratou: um irmão foi com a madrasta, outro foi com uma tia, pois minha mãe não podia sustentar todos. Na minha cidade natal a situação era diferente, minha mãe era conhecida e as famílias ricas ajudavam-na. Aqui a vida se tornou mais difícil. Minha mãe não durou muito; ela estava muito doente. Lembro-me que uma ambulância veio buscá-la e dois dias depois a notícia da morte dela. Antes de morrer ela não falava e apenas escreveu para minha avó: "Não maltrate meus filhos". Minha avó tinha gênio esquisito, distribuiu as crianças. Cada uma tomou rumo diferente. Minha avó e minha tia trabalhavam

na cosinha de uma pensão. Fui para aquela pensão em companhia delas. Outro ambiente, onde havia horário para as refeições e eu tinha um quartinho no porão. Comia e dormia melhor. A patroa tinha filhas moças e um menino mais ou menos da minha idade, com o qual brincava. Aparentei-me dos seus brinquedos e estudava em seus livros. Ligávamos campainha e outros pequenos serviços desta ordem. Fui criando espírito de curiosidade. Eu tinha medo do escuro e fazia força para dormir logo e não me lembrar de que estava só. Lá permaneci dois anos. Uma das filhas casando-se foi residir numa cidade do interior. Mandaram-me para lá. Fui sozinho. Contava 15 anos. Frequentei uma escola de madres, curso de admissão ao ginásio. Em casa tinha a obrigação do serviço doméstico, limpar o pó, vidros, etc. Eu gostava da escola, voltava satisfeito. Quasi não tinha com quem brincar. Inventava brinquedo no quintal com formigas, bezouro, Tinha medo de grilo porque cantava. Entrei para o ginásio. Então tinha esporte e a companhia de rapazes bem arrumados. Minha patroa era energética. Certa vez ela me viu apanhar duas frutas às escondidas e pô-las na mala da escola. Ela chamou-me e indagou sobre o que eu levava na mala, tirou as frutas e esfregou-me no meu rosto. O pior foi ter manchado a blusa e ser obrigado a ir para o ginásio assim. Peripecias de quem não é filho! Eu gostava de ir limpo, bem arrumado. Ela castigava-me por eu não ter pedido. Eu gostava muito de ir à "matinee" aos domingos. Quando eu reinava era preso no quarto, privado do cinema. Chorava até me conformar. Cheguei até o 3º ano ginasial. Certo dia eu limpava os moveis da sala de jantar: abri o açucareiro, tirei uma colher de açúcar e joguei-a na boca. O patrão que observava meus movimentos aproximou-se silenciosamente e virou-me a mão no rosto sem nada dizer. Fiquei mudo, olhei-o, larguei os panos e fui para o quarto. De lá não sai. Pensei mil cousas boas e más. Perdi o prazer de tudo. Eu não queria olhá-lo. Eu estava completamente mudado. Não queria mais ficar lá. No dia seguinte não fui à escola. Queria voltar para São Paulo. A patroa me chama e me explica que tinha sido para me corrigir. Não aceitava nada, queria ir embora. "Então você vai", decidiu ela. Chegando em São Paulo procurei minha família. Não encontrei ninguém. Com um dinheirinho que possuía, fui para uma pensão. Comecei a procurar emprego. Não procurei por muito tempo, porque na pensão apareceu um homem procurando empregado para ir para o interior. Aceitei o emprego; partimos no dia seguinte. O senhor, do Estado de Minas, era dentista e fazendeiro. "Quero você para ajudar em casa, ir ao sítio e conforme você se portar faço-o estudar, quero fazê-lo gente". Muito mais tarde eu soube que aquele senhor era casado e separado da família. A sua atual companheira com seus dois filhos, um rapaz de minha idade e uma rapariga, passavam por seus filhos e por ligação legal. Destes mais tarde ele se separou por infidelidade da mulher. Ligou-se a outra mulher com dois filhos também. Compreendi que o que o levava a tais ligações era a atração por crianças. No novo emprego eu devia fazer o mesmo serviço doméstico, do qual não gostava. Eu limpava a casa e o consultório. Fassei a ficar mais no consultório, no que era observado. Limpava a broca e outros apetrechos com tanto cuidado e capricho que o patrão gostou e consentiu que eu ficasse mais no consultório, que me despertava curiosidade. Quando chegavam clientes ele não gostava que eu ficasse no consultório. "Você precisa aprender um ofício", disse-me um dia. Arranjou uma oficina de carpintaria e mecânica para mim e para o "filho", fomos juntos. O trabalho consistia em fazer portas, asscahos, vigotas - eu não me dava bem com

tal trabalho, preferia fazer canetas, trabalho mais delicado. Comecei a aprender lustrear e nas horas vagas fazia canetas. O filho do patrão também não gostava do trabalho. Ele aprendia violino. Eu sempre gostei de música. Tinha vontade de aprender um instrumento, mas ninguém me orientava. Com uma taquara fiz uma flauta. Tocava de ouvido acompanhando o filho do patrão ao violino. O velho ouvindo-me, disse-me "você vai aprender música com Paulo". Não saímos mais de casa - jogávamos futebol e tocávamos. Então o velho me fez presente de uma flauta. Comecei a estudar a música. Custei a aprender as figuras musicais. Finalmente lia bem a música e tinha bom sopro. O velho começou a se entusiasmar comigo: "esse negrinho vai dar gente", dizia. Fazia questão em me apresentar aos conhecidos. - "esse é o meu negrinho". Paulo foi estudar noutra cidade. Fiquei só. Mas antes disso fundamos um clube de futebol. O velho observou-nos que precisávamos trabalhar para manter o clube; deu-nos um carrinho de garapa; aos sábados e domingos nós dois vendíamos garapa pelas ruas. Apuramos uns Cr.\$50,00. Compramos a bola e duas máquinas fotográficas; adaptamos nosso quarto para revelações. Cuidávamos também da limpeza do carro. Certo dia o velho disse-me: "precisamos providenciar sua transferência de ginásio para cá, afim de terminar o curso". Mas a transferência não foi possível, na cidade só havia escola normal. Voltei para a cidade onde havia começado o ginásio, com todas as despesas garantidas pelo velho. Fiquei contente. Mas comecei a pensar que ficava mal o velho pagar-me tudo, apesar de eu ser muito econômico. Não tendo porém aptidão alguma procurei um lugar para tocar. Estávamos na febre do jazz. Consegui tocar no jazz de um restaurante a noite, ganhava Cr.\$200,00 por mês. Escrevi ao velho que a música já estava valendo alguma coisa. No jazz aprendi violino, bateria e fui me tornando conhecido. Tais tocatas despertaram-me a curiosidade por bebidas e ceias. Aquela cidade tinha intensa vida noturna. Só fui aos 20 anos. O velho quasi já não me mandava dinheiro. Depois de um ano fui visitá-lo; fiquei gostando de uma moça. Procurei meios para conversar com ela, que sempre recusava. Nas vesperas de voltar para a cidade, onde estudava tomei decisão e fui falar com ela. Sai impressionado - era o primeiro namoro! Ideias completamente mudadas; terminar o curso de ginásio, ganhar dinheiro para me casar. Prometi escrever-lhe. Trocamos algumas cartas. A vida não se alterou - anos de estudo, de tocatas, de serenatas. Terminando o curso volto. O velho providenciou-me trabalho em um banco. O ordenado inicial era pequeno e eu gostava de me vestir bem, de andar na moda. Tinha dificuldade em conversar com a moça. Ela era orfã, filha de preto e italiano. Estava sendo criada pela família para a qual fazia serviços domésticos. A família impedia-a que conversasse comigo. Eu ia fazer-lhe serenatas e conversávamos às escondidas. Criou-se um jazz, Bico-doce. Criei um com o nome de Bico-azedo. Em todas as festas tocávamos. Eu sempre amando a moça. A família não tinha confiança em mim - "moço de serenata não dá futuro". Fiquei desgostoso, sem vontade de estudar, e comecei a beber. O velho me aconselhava - "isso não lhe fica bem, você chegou até aqui em sua carreira". O velho tinha um amigo fazendeiro, com o qual combinou dar-me uma lição; mas eu não sabia. Recebi ordem para ir até aquela fazenda, sob algum pretexto. Lá chegando o fazendeiro mandou-me para a moça com ordens de me darem serviço. Tinha como cama uma esteira sobre um cavalete, como os camaradas. Fui incumbido de lavar comida aos camaradas. Foi-me um choque. Mas eu tinha um físico forte e orgulho, devia

submeter-me sem queixa. Enquanto os camaradas almoçavam eu tinha de carpinar. Hei de aguentar sem dar o braço a torcer, pensava, vou mostrar que sou trabalhador. Por tocar violão e cantar fiquei estimado pelos camaradas. A forma de vida deles me revoltava. Alguns queriam sair de lá e não podiam, faltava-lhes dinheiro. Depois da revolta, fui me adaptando ali, conformando-me. A fazenda era completamente isolada e só havia um trem. Cheguei a conclusão de que ali eu não teria futuro. Lá permaneci quatro meses tomando parte no sofrimento daquela gente. Cansei-me e fugi da fazenda. Não podendo tomar o trem fui a pé até alcançar a estrada de rodagem e ficar a espera de algum caminhão, que me conduzisse de volta. Em trapos fui procurar o velho. Contei-lhe as misérias da fazenda, que nada prometia como futuro, ganhando Cr. \$50,00 por mês. Aquela vida tinha-me mudado a percepção do sofrimento. O velho contou-me então, que havia sido uma lição por eu estar perdendo a noção de ser alguma coisa, mas agora que eu já estava com mais senso ia me encaminhar. Começamos providenciar minha saída da cidade por causa da moça. No banco em que trabalhava descobri que iam criar uma coletoria noutra cidade. Decidi ir para lá para esquecê-la. O velho conseguiu minha remoção. Aceitei a única vaga, que era a de facheiro; não me encomodei com isso. Nas vésperas da partida fui despedir-me da moça. Ela estava de acordo - eu ia guardar o dinheiro para nos casarmos. Na nova cidade sentia-me só, entre desconhecidos. Trabalhava no Banco, no serviço de limpeza, ganhando Cr. \$150,00 por mês, e a noite tocando num cinema ganhava mais Cr. \$150,00. Fazia economia. Sempre fui caprichoso, eu comprava toalhas e flores para o meu quarto na pensão. Tocava e cantava com as crianças; sempre gostei de crianças. No Banco poucos sabiam que eu tinha o curso ginásial. Havia mais de um ano que eu estava como continuo. O gerente promoveu-me a auxiliar de carteira, em cujo cargo permaneci um ano, passando a funcionario de carteira. As famílias que davam festas iam procurar-me no Banco - eu era chefe do jaz, através do que fui me impondo no Banco. Somente fui a passeio, ansioso para ver a namorada depois de 3 anos. Trajava-me bem. De São Paulo é enviado um novo gerente para o Banco. Visitando o Banco e vendo-me, incumbiu-me de retirar-lhe os moveis da estação. Daí em diante não me deixou parar mais; levar recados à família, levar sapatos para consertar, etc.. Até essa época não me tinha como negro. Não me tinha despertado a atenção que pudesse existir diferença ou que quizessem diminuir. Comecei a pensar: sou empregado do Banco; outros também são e com igual categoria e só a mim manda levar sapatos para concertar. Começou a luta interior. Queria chegar a uma conclusão, compreensão. Nunca ninguém tinha me tinha dito ser negro, se bem que inconscientemente sempre me retraiasse em tomar parte nisto ou naquilo; quer me ter como empregado particular. Comecei a fazer tais serviços de ma vontade; não fazia certo, demorava-me propositalmente. Aborrecido com essa consciência de ser negro, tirei licença no Banco, com a ideia: tenho economias, regresso para casar-me e me emprego por lá. Regresso à cidade, e na noite do dia seguinte vou a casa da moça. Fizeram-me entrar na sala de visitas. Fiquei seguramente umas duas horas à espera. Por fim indaguei e disseram-me que ela não queria mais falar comigo. Mandei-lhe dizer que tinha vindo com boas intenções, de casamento. Não assim, disseram-me que ela estava chorando e não queria aparecer. Retirei-me fazendo varias conjecturas; ela sempre deu-me demonstrações de me querer bem; correspondi, trabalhei. Será que a família que a criou não quer que ela se case comigo para não perder uma empregada fiel? Será que lhe in-

cutiram para não se casar com negro? Não procurei saber. Aborreci-me; fiquei um mês na cidade e voltei para o banco. No trabalho já encontrava hostilidade; tudo era diferente para mim - o gerente que me chamava para limpar um objeto... Havia uma moça que eu sabia gostava de mim, mas sempre evitei falar-lhe sobre esse assunto por estar inclinado pela outra. Barrado pela primeira procurei conversar com a última. Era uma moça boazinha, mulatinha, filha de mulatos. Ela cantava no coro da igreja. Eu ia fazer-lhe serenatas. No espírito tinha uma revolta, sempre andei direito, desde 16 anos tinha intenção de me casar. Não tocava na economia. Passava com a atual namorada. Os pais, porém, se opuseram. Mais se acentou em minha mente que era devido ao preconceito de cor. Ela me queria muito. Nunca conversei com os pais. Ela e os vizinhos contavam que ela apanhava por minha causa. Duas vezes em que passei pela casa dela a mãe me xingou de "negro feitiço" e me atiraram pedra. Não quis mais namora-la; não estava habituado aquele tratamento, disse-lhe que minha intenção era honesta. Ela respondeu-me que tinha 20 anos e com 21 faria o que entendesse. Eu, porém, tinha perdido o entusiasmo. Alguns amigos souberam - vexou-me. Nesse período vem o momento de fraqueza: a economia que tinha gastei em "cabarets". Entreguei-me à vida alegre. No banco a mesma atitude do gerente. Os colegas sempre me quizeram bem. Certo dia eu estava muito aborrecido. O gerente me mandou fazer um serviço particular, recusei-me: eu era empregado do Banco e não empregado particular. Exaltamo-nos. Ele me xingou de negrinho. Não houve consequências piores. Pedi transferência para a Matriz. Como não me dessem, pedi demissão. Decidi não ser mais empregado de ninguém - ia procurar uma profissão liberal. Voltei para a casa do velho e a conselho deste comeci a providenciar ingresso numa escola livre de odontologia, noutra cidade. Fui para lá, fiz o curso com grande esforço de aplicação para revidar perseguições, na vontade das moças, do gerente. Para mostrar aos amigos que não era o que pensavam; eu era mais capaz. Tinha o amor próprio espicaçado. Depois de 3 anos de curso diplomei-me. Lá não percebi diferença entre os estudantes. Esqueci as peripécias anteriores. Procurei estudar para me pôr por cima, porque eu sentia que queriam me inferiorizar, e meu esforço era para não me sentir inferior. Paguei o curso com economias que me sobraram e com auxílio do velho. Terminando o curso fui tentar trabalho com o velho, dentista de muita experiência. Os primeiros contatos com clientes foram cheios de indecisão, de falta de confiança em mim, de medo de errar. Não fiquei muito tempo com o velho. Na revolução de 30 vim para São Paulo incorporar-me à classe que estava sendo chamada. Quando ia embarcar, destacado para Itararé, terminou a revolução. Conheci entre os soldados, estudantes e me entusiasmei por ficar em São Paulo. Achei São Paulo diferente - fui rever os lugares que se mantinham gravados na lembrança: a rua São Luiz, a feira do Largo do Arouche, etc. Fiquei em São Paulo mas não tinha idéia sobre que fazer. Escrevi ao velho sobre minha decisão. Nesse período de indecisão achei conveniente dar uma chegada à cidade natal, para descobrir meus parentes. Encontrei um tio que me deu o endereço de parentes em São Paulo. Vim procura-los. Encontrei minha tia materna casada, uma irmã, um irmão e primos, cinco pessoas morando em um quartinho. Deram-me um canto; mas eu não estava acostumado a morar mal, a ver a mulher sair cedo para o trabalho. Pensei em ir morar numa pensão. Mas não ficaria bem. Minha tia sentiria.

Além disso tinha uma irmã solteira, ela precisava casar-se. Acho que precisam de mim... e por sentimentalismo fiquei. Levantava-me pela manhã já não tinha ninguém em casa; todos tinham ido para o trabalho. Eu não tinha com quem conversar, estranhava. Sai a procura de emprego, pois eu não tinha dinheiro para montar um escritório. Fui trabalhar em prótese com um dentista. Aos poucos fui conhecendo o meio de vida da família. Era esquisito chamar minha tia de "titia", como meus irmãos, tomar-lhe a bênção. Vi que minha tia se dava com o genio de minha irmã; estavam sempre em conflito. Meu primo mais velho (40 anos de idade) era carnavalesco, meu irmão também. Convidavam-me, mas eu chegava em casa ia estudar; chamavam-me caipira. Tanto insistiram que fui a um baile de casamento. Fui pensando que fosse, como no interior, num grande salão; mas encontrei mais de 100 negros em uma sala. Não me senti bem ali, quiz ir embora. Vi que era meu dever permanecer em casa até que minha irmã se casasse. Ela contou-me que a tia a perseguia, impedia-a em todo namoro. Depois de um ano mais ou menos, protegi o namoro dela com um rapaz, até que fizemos o casamento; hoje ela está bem casada. Ensinei ao meu irmão carnavalesco, e ele se empregou no banco. Os velhos já me tinham estima; eu orientava a casa. Outra prima também se casou, a qual também auxiliiei. Meu irmão casou-se também. Ficamos eu os velhos e o primo de meus costumes, que nunca quiz trabalhar. Uma ocasião minha tia zangou-se comigo porque eu quiz corrigir o filho. Em conflito com ela e na situação de sobrinho, eu quiz sair de casa. Mas ela veio as boas e eu fiquei. Em 1933 conheci uma organização de pretos. Propuz lecionar os negros da sociedade e aceitaram a proposta. Toda a noite durante dois anos lecionei. Então fui convidado a fazer parte da diretoria. Mostrava-me refratário a namorar. Tinham-me como orgulhoso; não era tal, não me preocupava isso. Via esse aspecto com indiferença; não prestava atenção nas moças. As moças manifestavam-se e eu sempre desviava; não tinha intenções. Por fim fiquei gostando de uma moça daquela sociedade. Conversava com ela, nunca, porém, dando demonstração de minha intenção. Estudando-a sempre, procurando conhecer a família. Ela percebia meu interesse. Falavam. Eu tinha me habituado a fazer companhia aos velhos. Estes, especialmente minha tia, opuseram-se ao meu namoro. Eu tinha então três preocupações importantes: a obrigação dos negros, o amor por aquela moça e a necessidade de ganhar dinheiro, de me estabelecer. Encontrando oposição em casa e pertencendo a uma associação de negros que exigia uma conduta reta, comecei a namorar escondido. Por fim falei a minha tia que não poderia haver cisão na família se eu trabalhava pela organização do negro. Ela confessou-se com um padre que a aconselhou a não se opor. Lutava sempre com dificuldades econômicas mas mesmo assim tinha a intenção de organizar o consultório para me casar. Recorri a varios meios de empréstimos, sem nada conseguir. Fiz economias; tirei o consultório a prestações e o montei. O trabalho ia bem. Neste interim descobrem-se falsificações na escola pela qual eu me havia formado. Os diplomados por aquela escola tiveram de prestar exames para reabilitação. Inscrevi-me; preparei-me e entrei em exame; fui reprovado. Fiquei numa aflição tremenda. Via a vida arruinada. Inscrevi-me para a 2a. época, e fui aprovado. Continuei a trabalhar entusiasmado com o consultório. Resolvi casar-me e pedi a moça. Marquei o casamento. Acontece que nessa época eu já estava na diretoria da associação. Com tanto afazeres e apaixonado pela questão do negro, descuidei-me do consultório e a clinica caiu. Pagava o consultório a prestações, o casamento se aproximava, e eu

não produzia. Eu tinha de atender ao aspecto moral da situação - eu poderia protelar o casamento, mas não queria, achava que não ficava bem. Resolvi cumprir a palavra mesmo que fosse para perder tudo. Já havia comprado moveis que vinha pagando. Faltavam 3 meses para o enlace. A casa estava alugada. Não podia adiar. Minha família achava-me louco. Casei-me com todos os aparatos possíveis. Dentro do primeiro mês de casado tudo se resolveu: entreguei o consultorio; e então surgiu o problema dos clientes com o serviço começado. Entreguei os moveis pois as duplicatas venciam. Sem poder exercer a profissão não podia pagar o aluguel de casa. Desaluguei a casa e fui morar com a sogra. De lá saia cedo para procurar emprego. Não deixei a associação de negros, onde nada ganhava. Vinha para cidade sem saber onde tomar as refeições: procurava amigos. Voltava para casa a pé. Em meu espirito começou a vontade firme de aguentar as consequências. Eu não tinha jeito de ir para casa fazer as refeições. Essa vida durou cinco meses. O que mais me preocupava eram os clientes com serviço por terminar. Consigo trabalhar no escritorio de um colega, atendendo-lhe os clientes em troca da possibilidade de terminar o trabalho dos meus clientes. Como ele tivesse muita clinica e não gostasse de trabalhar propoz-me um ordenado. Não tendo despesa, fui guardando o ordenado. A sogra me queria bem. Ela era proprietaria e conhecia bem a situação; as questões de casa ela as resolvia com minha mulher. Depois de seis meses mais ou menos dei a entrada de outro consultorio, mas não o retirei; continuei pagando. Minha mulher propoz trabalhar. Descubro um concurso para uma secretaria do Estado. Ingressei para o funcionalismo ganhando Cr\$300,00; depois de fazer um concurso passo a Cr.\$600,00. Conseguí pagar todo o consultorio e monta-lo. Comprei novamente moveis, aluguei casa de Cr.\$300,00, montei-a. Minha mulher e filha de mulatos. Ela é inteligente. Ela compreende o problema do negro, mas não gosta do meio, esquivava-se. Ela tem irmãos; são operarios, estes não se interessam pelo problema racial. Minha mulher não quiz deixar de trabalhar, achando conveniente ajudar a casa. Tendo ficado grávida foi obrigada a deixar o trabalho. Temos um filho com 7 meses. Estou estabilizado.

Quanto a minha saúde a única doença que tive foram catapora aos 8 anos de idade e "surmenage" na ocasião de decadencia do consultorio. Naquela ocasião eu me achava sob o estado de luta espiritual acumulado: um noivado precipitado, eu não esperava pedi-la em casamento, mas diante do choro dela... Eu tinha pontos de interesse pessoal antes de assumir aquele compromisso. Estava obcecado pela Associação, onde a politica interna estava difícil; abandonei a clinica e em consequência as dificuldades economicas que se seguiram: fechamento do consultorio e da casa. Sentia angustia, os pés e as mãos frios. Fiquei impossibilitado de trabalhar durante 6 meses.

Traços de minha personalidade - Sou sentimental quando se trata de sofrimento humano. Tendo de resolver situações serias, de tomar atitudes violentas, sinto-me bem, isto é, sou calmo até demais; resolvo com ponderação. Não me descontrolo. Quando faço um ato que depois reprovo, não me arrepenho, mas fico com aquilo no pensamento durante meses. Assim por exemplo com amigos, se me desagradam não sei discutir, fico magado, procuro não encontrá-los, porque fico envergonhado - não posso acreditar que tivessem tal ou tal atitude. Sou impulsivo, com atitudes exageradas. Em todas as atitudes da associação procurava impor respeito, demonstrar que eu era capaz de fazer o que eles faziam, procurava sempre enalte-

cer o negro que a mim se chegasse humildemente; dedico-me a uma atividade apaixonadamente e me preocupo porque sacrifique outros trabalhos. Não consigo harmonizar o consultório com os trabalhos sociais. Não sei ficar sem fazer nada; preciso ter o que me preocupe, faça pensar e lutar. Vejo-me com muita coisa para fazer a um só tempo. Ajo mais sob o domínio do coração do que do cérebro. Tenho mais sentimento coletivo do que ambições pessoais. Não tenho equilíbrio de sentimentos. Sou de muito boa fe. Desejo intenso de ser querido, considerado. Faço um trabalho a um cliente, e se algum tempo depois havendo defeito o cliente volta, em lugar de impôr-lhe condições faço o trabalho gratuitamente pelo desejo de que a pessoa fique satisfeita. Não admito dúvidas quanto à minha capacidade - certa vez um enfermeiro durante todo o seu tratamento manifestava desconfiança em minha especialidade profissional, percebia pelas perguntas que fazia sobre o tratamento. Dei-lhe todas as explicações inclusive sobre a anatomia e o despedi. De outra vez eu fechava o gabinete dentário. Eram 11 horas da noite quando chega uma senhora de automóvel. Ela entra e me pergunta se eu era capaz de lhe aliviar a dor. Examinei o dente, faço o diagnóstico - extração. Cobro-lhe Cr.\$100,00, porque perguntou se eu era capaz. Ela recorreu a mim porque naquela hora ela não encontrava outro dentista.

Tenho conflito mental: 1) devido a situação racial; 2) devido a situação social. Situação racial - O conflito decorre por eu não alcançar uma explicação para a existência de raças diferentes. As diferenças raciais são explicadas de várias formas: religiosa, social, etc. Vejo a desigualdade existente entre várias raças, o que motiva conflito. Devia ser uma raça só. Situação social - acho que a situação social não se justifica. Creio que o conflito racial tende a desaparecer em face do conflito social. Muitas raças em situação social elevada desconhecem o problema racial: por exemplo sírios ricos. A situação social influe na racial. São dois conflitos ligados. A situação racial poderia desaparecer prevalecendo a social, por diferença de posses. Por questões econômicas sinto o conflito social em minha mente.

Meu ambiente social - Quanto mais minha consciência se foi esclarecendo, tanto mais fui me afastando dos meios de recreação. Nestes ambientes não me sinto bem. Procuro convívio com pessoas que pensam e lêem; meios de intelectuais brancos e pretos. Sou muito sociável, gosto de convergar e por isso sou procurado. Não me sinto bem quando não encontro pessoas para conversar. Nas palestras tenho prevenção com ideias, que possam ofender. Todo branco conhece minhas ideias. Alguns de início entram em conflito mas acabam amigos. Minhas ideias as de auxiliar as raças oprimidas tidas como inferiores, que o são socialmente. O fundamental seria tomar essas raças e trazê-las ao nível superior colocando-as em condição que tivessem ascensão social, estaria resolvida a questão, embora exista muita dificuldade para que superem. Os brancos me contestam dizendo que este problema não existe. Negam porque não tem conhecimento do problema. Também há negros que acham que o problema não existe. A maioria dos brancos que compreende o problema sentem-no como situação social e não racial. Como elemento da raça acho que para o negro há dois problemas; o racial e o social. Mas o que mais massacrava o negro é o social. Um professor preto, há algum tempo, fez concurso para uma carteira de curso secundário. Foi aprovado, mas lhe opuzeram obstáculos de ordem administrativa e mesmo jurídica. O negro conciente sente isso como uma questão moral, por ser negro. Fica abalado, desanimado, revolucionário por ser negro. Mesmo que o negro não tenha preocu-

pação com este fato chega a conclusão de que existe o preconceito racial. Uma vez que o negro suba economicamente, com melhor padrão de vida, desaparece de sua mente, não de todo, mas se atenua o pensamento sobre a existência de um problema puramente racial. Aquele que está em situação social inferior acumula a situação racial. Não existiria o preconceito se 50% dos negros fossem aceitos. Não existe preconceito individual, mas coletivo. Em São Paulo pode-se contar o número mínimo de negros que tiveram ascensão social. Há na vontade ou vergonha de chamar o negro para tomar parte no governo mesmo em época de crise. Há pessoas que se ofendem em ouvir elevar o negro, enaltecendo valores. A criança negra devia ter educação diferente da que recebe, - não basta ter o mesmo ensino. Na escola o colega não quer sentar com o negrinho, ou brincar com o negrinho. Nos contos escolares o negrinho está sempre em posição inferior. O negrinho nunca recita no palco, é como o adulto que estuda e não é aproveitado. A amizade entre brancos e negro é possível. Eu consigo me retraindo e indo ao branco preparado. Retraio-me no sentido de não participar das farras dos brancos, faço questão dessa linha de conduta, porque é sempre o negro o culpado - foi o negro quem levou o branco à bebida ou a outra farra, aconteceu porque ele estava em companhia do negro, etc. Se me convidam para uma festa de gala vou e se percebo indiferença em me tratar eu me retiro, porque não me sinto bem. O branco que me convidou, já pensando em que eu fosse menosprezado por alguém, procura com modos espalhafatosos, indelicados para o meu íntimo, me enaltecer com apresentações bombásticas. Meu modo de pensar torna-se pior ainda - para estar eu ali é preciso um arauto, se minha presença é forçada, não é um ato natural, não deveria preocupar tanto aquele que me convida. Eu queria estar na reunião naturalmente como os outros e se eu lhe disser que me desagradam tais exageros na apresentação o branco não compreenderá. Certa vez indagaram-me "se você fosse convidado para uma festa de gala, por brancos, você aceitaria o convite e iria? - Aceitaria, porque? - Porque quero convidá-lo para a minha festa de formatura. Mas se você fosse mal recebido que faria? - Eu não sentiria em desfazer a festa, apenas convidaria vocês, que me convidaram, a se retirarem comigo, como protesto."

O sentimentalismo está ligado à minha situação na infância - eramos 12 filhos, dificuldades econômicas - proibição para comer doces. A primeira restrição que a criança sente é a que se prende à alimentação - ver na vitrina um doce e não saber quanto vai tê-lo é um sofrimento. Depois vem o sofrimento pelas diversões, as quais não se pode ir. Os indivíduos conscientes deveriam se reunir para resolver o problema da coletividade, ele tiraria satisfações pessoais.

Caso nº 10 - Trata-se de um preto de 38 anos de idade. É funcionário público com os vencimentos de Cr. \$750,00. Possui curso secundário. Está casado com uma mulher de cor parda e possui 2 filhos menores.

Relato do entrevistado: "Não tenho fé nos pretos: sou contra os pretos. O preto é uma raça miserável de gente ignorante. Evito a companhia deles, Tenho prevenção com o mulato. Considero o branco esteticamente superior. sinto preconceito da parte do branco pela seleção que ele faz em festas não permitindo a entrada do preto. Procuro vestir-me bem para ter boa aparência."

Caso nº 11 - Trata-se de um preto de 43 anos de idade. É filho de pai preto e mãe parda. Exerce o funcionalismo público ganhando Cr. \$800,00 por mês. Tem curso primário. É casado com mulher "branca" (filha de mãe parda e pai branco).

Possue quatro filhos pardos, os quais fizeram o curso secundário.

Relato do entrevistado: "O preto é uma raça completamente inferior; não vale nada. Evito trabalhar com subordinados pretos, e por outro lado quero colocar o branco sob minha autoridade, submetê-lo no trabalho. Fui criado por brancos e me senti espezinhado. Só possuo relações sociais com brancos. As sociedades de brancos nos vedam participar como socios. O preto deve viver separado do branco. Acho que o mulato deve evoluir, casando-se sempre com branco, para extinguir a raça."

Caso nº 12 - Refere-se a um preto de 36 anos de idade, casado com uma parda. Trabalha no comércio e ganha Cr.\$900,00. Tem curso primário.

Relato do entrevistado: "Os pretos são mais relaxados do que os brancos. Acho que o governo devia tomar a iniciativa de educa-los. Ou então os pretos deveriam unir-se e trabalhar no interior para em primeiro lugar organizar sua vida econômica. Não existe preconceito do branco contra o preto, pois é o próprio preto que faz surgir a atitude de desprezo para ele devido suas atitudes inferiores. O preto só pensa em dansar. É preciso instruir o negro para melhorar suas atitudes e então ser aceito pelo branco."

Caso nº 13 - O entrevistado é preto. Tem 40 anos de idade. É casado com mulher branca de classe social inferior a sua, da qual se separou por infidelidade dela. Possui três filhos pardos que vivem em sua companhia. Exerce o funcionalismo público, percebendo Cr.\$700,00 por mês. Fez curso secundário. É pessoa muito afetiva e sensível. Notamos a preocupação em se vestir bem e falar corretamente. Apresenta-se irônico quanto à questão de cor.

Relato do entrevistado: "O branco diz não ter preconceito contra o negro mas se contradiz nas ações e atitudes. Observa-se a tendência do branco para rebaixar o negro. Eu me divirto com as dificuldades do branco para ocultar seu preconceito, quando por exemplo não deseja convidar o negro amigo, companheiro, para festas familiares. "Negro é negro; onde se viu um negro doutor ou uma negra de luvas!" O preto por sua vez não quer ser negro. Os animais parecem mais inteligentes: um cavalo preto ou branco é sempre um cavalo, mas o homem preto é um negro."

### Análise das atitudes manifestadas pelos entrevistados das classes sociais intermediárias

Os pretos das classes sociais intermediárias demonstram atitudes que revelam marcada sensibilidade ligada à cor. Por um lado apresentam-se ressentidos e com ódio, pela rejeição do branco, e de outro lado, desanimados e queixosos pela falta de solidariedade entre pretos. Os sentimentos de mágoa e revolta dirigidos contra o branco não são inconscientes, como parece entre os pretos da classe social "inferior", mas conscientemente reprimidos pelo medo de provocar atitudes de rejeição mais acentuada. Sobre este aspecto o en-

entrevistado do caso número 8 referiu-se nos seguintes termos:

..."Tenho modo de pensar diferente do preto que acha necessário reagir contra o branco. Meu argumento é o seguinte - Você é motorista de determinada família; sua mulher, empregada doméstica; você reage e depois como sustentar seus filhos?"

O negro, portanto, oculta seus sentimentos do branco como defesa, desenvolvendo atitudes de submissão, amabilidade, humorismo, etc..

O fato do preto das classes sociais intermediárias não apresentar atitudes diretamente decorrentes da hostilidade, que sente contra o branco, se explicaria por ter sofrido intenso processo de identificação. Dos treze casos até agora apresentados, seis dos entrevistados afirmaram ser criados por brancos, e outros 4 tiveram íntimo convívio com brancos na posição de empregados. Tiveram pois na infância mais contato com brancos do que com pretos. No convívio íntimo com brancos o preto adquire as maneiras de pensar e sentir do branco também no que se refere ao próprio preto, passando a ter para o preto a mesma atitude e os mesmos sentimentos do branco. Em virtude dos contatos primários da infância, e do mecanismo psíquico da identificação o preto introjeta as idéias do branco, e passa então a vê-los do ponto de vista do branco, desprezando-os. Vendo-se também a si próprio do ponto de vista do branco perde o direito de reagir contra o branco. Suas energias são empenhadas no esforço de eliminar os motivos do conceito de inferioridade afim de conquistar a consideração do branco. Com mentalidade formada pelo branco, o preto desenvolve o auto-ideal de branco, que não se expressa abertamente no desejo de ser branco. O preto luta para anular o sentimento de inferioridade desenvolvido em face das atitudes de restrições do branco. Empenha-se então em conseguir característicos de status superior através do casamento, do exercício de profissões liberais, do cultivo intelectual e da "boa aparência".

Entre os pretos criados por brancos observamos que uns conservam status social inferior, enquanto outros atingem ascensão social. O exame do material coligido nas entrevistas sugere que os primeiros foram pessoas criadas por brancos com o objetivo de tor-

ná-las empregados domésticos, e os segundos foram pessoas que receberam educação e instrução orientada dado o interesse da família que os criava. Estes, educados pelos brancos com mais atenção, são os que demonstram consciência de cor.

O sentimento de inferioridade ligado à consciência de cor, a inteligência individual e o incentivo proveniente do contato primário com brancos parecem produzir atitudes que influenciam sobre a ascensão social do preto.

Podemos verificar a atuação do fator inteligência através das palavras dos entrevistados apresentados nos casos 8 e 9:

... "Terminando o curso primário fui prestar exame para o curso secundário, na cidade vizinha. Dias depois os jornais publicam os resultados eu estava colocado em 3º lugar entre os concorrentes. Minha colocação despertou a admiração de todos na cidade. Muitos chegavam a me perguntar - "voce é o preto que tirou o 3º lugar nos exames? Eu achava natural e não compreendia o motivo de tanta admiração. Mais tarde ao ingressar na profissão que atualmente exerço, fui submetido a um exame. Entretanto notei que somente de mim exigiram conhecimentos alem do estipulado para os outros. Depois de comprovar que tinha conhecimentos alem do esperado, fui aceito no emprego"...

... "Eu e o filho do patrão eramos muito unidos. Ele aprendia violino. Eu sempre gostei de musica. Tinha vontade de aprender um instrumento, mas ninguem me orientava. Com uma taquara fiz uma flauta. Tocava de ouvido acompanhava o filho do patrão ao violino. O velho ouvindo-nos disse-me: "voce vai aprender musica com Paulo." Não saíamos mais de casa - jogavamos futebol e tocavamos. Então o velho me fez presente de uma flauta. Comecei a estudar musica. Custei a aprender as figuras musicais. Finalmente lia bem a musica e tinha bom sópro. O velho começou a se entusiasmar comigo: "esse negro vai dar gente!" Certo dia o velho disse-me: "precisamos providenciar sua transferencia de ginásio para cá, afim de terminar o curso". Mas a transferencia não foi possível, na cidade só havia escola normal. Voltei para a cidade onde havia começado o ginásio, com todas as despesas garantidas pelo velho. Mas apesar de muito economico, comecei a pensar que ficava mal o velho pagar-me tudo. Não tendo, porém, aptidão alguma procurei um lugar para tocar. Estavamos na febre do jaz. Consegui tocar no jaz de um restaurante a noite. Ganhava Cr.\$200,00 por mes. Escrevi ao velho contando que a musica já estava valendo alguma coisa"...

Correlacionado com o fator inteligência, os contatos primários entre pretos e brancos constituiriam um estímulo exterior para a ascensão ocupacional dos primeiros.

No caso referido sob o número 8, observamos que o tratamento dispensado ao entrevistado era o mesmo dado aos dois meninos

da casa. Os três meninos vestiam as mesmas roupas. Tão igual era o tratamento e tão íntimo o contato com a família que o criava, que na infância não lhe fôra compreensível a advertência do vigário: "lembre-se que você não é igual a eles". Da família que o criou recebeu também a orientação para seguir o curso secundário. Feito adulto vamos encontrá-lo empenhando energias para manter status social equivalente aos de seus irmãos de criação.

Circunstâncias de ambiente semelhantes às anteriores encontramos no caso apresentado sob número 9:

... "Minha avó e minha tia trabalhavam na cozinha de uma pensão. Fui para aquela pensão em companhia delas. Outro ambiente, onde havia horário para as refeições e eu tinha um quartinho no porão. Comia e dormia melhor. A patroa tinha filhas moças e um menino mais ou menos de minha idade, com o qual brincava. Apoderei-me de seus brinquedos e estudava em seus livros. Ligávamos campainha e fazíamos outros pequenos serviços desta ordem. Fui criando espírito de curiosidade. Lá permaneci dois anos. Uma das filhas, casando-se foi residir numa cidade do interior. Mandaram-me para lá. Fui sozinho; contava 15 anos. Frequentei uma escola de padres, curso de admissão ao ginásio. Em casa tinha a obrigação do serviço doméstico: limpar o pó, etc.. Eu gostava da escola, voltava satisfeito. Entrei para o ginásio. Então tinha esporte e a companhia de rapazes bem arrumados"...

Aborrecendo-se com os patrões deixa o ginásio no 3º ano e volta para São Paulo, a procura de novo emprego:

"Não procurei emprego por muito tempo, porque apareceu um homem procurando empregado para ir para o interior. Aceitei o emprego e partimos no dia seguinte. O senhor do Estado de Minas era dentista e fazendeiro. "Quero você para ajudar em casa, ir ao sítio e conforme você se comportar faço-o estudar. Quero fazê-lo gente"...

Alguns anos depois, em consequência de experiências desagradáveis por causa da côr decide não ser mais empregado de ninguém e procurar uma profissão liberal "fazer o curso com grande esforço e aplicação para revidar perseguições, má vontade das moças e do gerente, para mostrar aos amigos que não era o que pensavam, era capaz".

O meio do qual se valeu para superar as frustrações demonstrava a importância do fator inteligência e do contato primário. A escolha da profissão liberal baseava-se numa identificação com o velho que o ajudava.

Nos dois casos referidos notamos: as circunstâncias da infância, onde os contatos primários entre brancos e pretos permitem

a integração do preto. Mais tarde, em face da frustração do desejo de conservar contatos primários com brancos verifica-se o desenvolvimento da consciência da cor no conflito mental entre o desejo de consideração e correspondência e a realidade exterior aquém de suas aspirações pelas restrições que os brancos da mesma classe lhe fazem. Na solução do conflito mental observamos a atuação do fator capacidade intelectual do indivíduo e o incentivo oferecido pelo branco, que o criava para "fazê-lo gente" e não apenas um empregado doméstico.

Entretanto, o acesso ocupacional não lhe confere status social igual ao do branco do mesmo nível profissional, econômico e intelectual. O preto que sentia dele se exigindo maiores esforços para cursar escolas superiores ou obter um "bom" emprego, novamente se traumatiza com as restrições que sofre na esfera social do branco. Sente-se considerado apenas como "profissional", e não como "pessoa".

A conquista de um diploma de escola superior ou de um cargo de responsabilidade não garantem ao negro a satisfação do desejo de ser aceito socialmente sem restrições, conforme as experiências mencionadas no caso nº 8:

... "Sob minha chefia trabalham vários negros. Certo dia um deles entrega-me um convite de festa de formatura em presença da irmã. No dia seguinte conta-me ingenuamente o rapaz: "ontem minha irmã ficou preocupada vendo-me convidado para a festa de formatura e me censurou. Tranquilizei-a imediatamente dizendo-lhe que havia convidado porque sabia que o sr. não iria."  
... "Fossuo amigos íntimos com os quais fui criado na infância. Somos íntimos até hoje. São pessoas que se hospedam em minha casa, assim como eu e minha família em casa deles. Quando crianças eu e ele eramos tratados igualmente. Mesmo estes amigos íntimos demonstram preconceitos em certas ocasiões. Estávamos em Santos e terminávamos o jantar, quando alguém sugeriu irmos ao casino. Para lá nos encaminhávamos e um deles fala ao ouvido do outro. Pela resposta "não, ele é branco" compreendi o que se passava, e disse: Não vou ao casino com vocês; poderia ir, porque eu entaria, pois o gerente é meu amigo, mas não quero ir. Resistiram para que eu fosse, mas eu não teria prazer em estar lá. Isto significa que um amigo íntimo, branco, de infância, teve receio e acanhamento em entrar no casino em minha companhia."

O diploma ou cargo de responsabilidade não constitui o meio suficiente para sua introdução em todos os aspectos da vida

social. O preto sendo novamente frustrado procura ajustamento isolando-se. Isola-se do branco para evitar o sofrimento de ser evitado pelo branco em certas situações sociais. Isola-se do preto em consequência do mesmo sentimento de inferioridade que o leva a lutar pela aceitação do branco. Considerando-se inferior, o negro não pode alcançar a satisfação dos desejos de correspondência e consideração (7) através de outro preto.

Enquanto os indivíduos de cor da classe social "inferior" se acham dispersos entre os brancos, os pretos das classes intermediárias, que se poderiam constituir em líderes, encontram-se isolados, porque dominados pelo sentimento de inferioridade.

Os pretos das classes sociais intermediárias têm para o mulato da sua classe social os mesmos sentimentos de mágoa, hostilidade, e desejo de aproximação por se sentirem desprezados por ele.

Parece que na personalidade do preto prepondera a atuação dos desejos de consideração e correspondência em virtude do sentimento de inferioridade. A vida do preto torna-se uma luta contínua, mais diretamente contra seu sentimento de inferioridade, do que contra as atitudes do branco que motivam a concepção de si próprio.

O ajustamento social do preto na forma de conformismo seria coadjuvado pelas atitudes dos brancos que procuram evitar susceptibilidades. Tais atitudes de brancos, respeitando a sensibilidade daqueles, facilitariam a repressão do sentimento de hostilidade do preto, situação que explicaria a observação da parte de negros de que não possuem incentivos para união por "não serem tão espicaçado pelos brancos."

O sofrimento do preto em face das restrições sociais que lhe são impostas o faz invejar a situação social e econômica do negro norte-americano. Aquele sentimento de inveja sugere que se de um lado a segregação dos negros em minoria racial denota o grau de distância social na linha de antagonismo racial, de outro lado a segregação constituiria uma armadura coletiva dentro da qual o grupo

(7) Donald Pierson, "A Teoria dos Quatro Tipos Fundamentais de Desejos", Boletim do Serviço Social dos Menores, vol. II, nº 3, (dezembro de 1942) 15-20.

se protege para obter a satisfação de desejos vitais. Comparando com a situação racial de São Paulo, a possibilidade de ascensão que o sistema de classes sociais oferece, evidencia menor distância social na linha racial, mas por outro lado o indivíduo se vê mais exposto às rejeições exteriores, assim como sem meios para alcançar a satisfação de desejos vedados pelas classes dominantes.

c - Casos de mulatos da classe social "inferior"

Distinguímos os casos de mulatos entrevistados em um grupo a parte dos pretos seguindo o trabalho de Everest Stonequist (8), no qual mostra - aliás ideia muitas vezes apontada pelos pesquisadores - que o status e o papel de um grupo mestiço particular podem ser tomados como índice do problema racial mais largo, dada a circunstância particular do híbrido, que levanta para a comunidade o problema especial de determinar seu lugar dentro da organização social.

Caso nº 14 - Refere-se a uma moça de 18 anos de idade de cor parda. É filha ilegítima de mãe preta e pai pardo. Possui três irmãos, pelo lado materno, sendo uma irmã de 16 anos, filha de um português, um menino de 11 anos e outro de 10 anos, filhos de um preto. A entrevistada fez até o 3º grau primário; é cosinheira. Relata-nos o seguinte: "Tenho gênio diferente de minha irmã, que desobedece mamãe, saindo à noite. Ela é orgulhosa, xinga-me de negra: diz que não é minha irmã. Meu pai era pardo, o dela era português, por isso ela me despreza. Ela quer casar-se com branco e só namora brancos. Xinga de negros aos irmãos. Não gosta de andar conosco na rua. Quando saímos juntos, ela anda afastada dos outros. Pensa em me casar aos 22 anos e com "patricio", para que não falem de mim por não ter procurado "patricio" para me casar. Já ouvi branco falar de minha irmã quando acompanhada por um namorado branco: "bandeira paulista", disseram. Fico nervosa ouvindo tais cousas e então prefiro casar-me com um preto. Uma família de italianos, vizinhos, proíbe os filhos de chegarem à minha casa por questão de cor; certa vez castigaram as crianças porque aceitaram pão de minha casa".

Caso nº 15 - Trata-se de uma parda de 28 anos de idade, que há 10 anos vive maritalmente com um indivíduo pardo, de 30 anos de idade, empregado de escritório. Este casou-se há 5 anos com uma moça parda, costureira, da qual tem uma filhinha, possuindo mais três filhos com a companheira. Conta-nos a entrevistada: "Desde menina trabalhei em fábrica até a idade de 18 anos, quando me uni

(8) - Everest Stonequist, The Marginal Men, A Study in Personality and Culture Conflict, New York, 1937.

ao companheiro certa de que nos casaríamos. Meu pai e minha avó até alguns meses ignoravam que eu estava ilegalmente ligada ao meu companheiro. Vivemos em contínuo conflito, porque ele não se decide por uma das mulheres. Muitas vezes tive vontade de dar na mulher dele, que com ele se casou com o único fito de afastá-lo de mim. Não agrido quando ela vem fazer escândalo à minha porta, lembrando que os jornais dariam a notícia - "uma negra... cu uma parda espancou..." Si eu fosse branca, já a teria espancado. Muita gente pensa que por ser de cor a pessoa é relaxada. Gosto de gente que se arruma bem. Há pessoas que só por a gente ser de cor, e têm razão, os de cor são relaxados".

Caso nº 16 - A entrevistada é de cor parda, casada com um preto, tendo quatro filhos menores pretos. Transferiram-se de Minas Gerais para São Paulo há 10 anos. Seu marido é operário. São suas palavras: "Casei-me com um preto para jamais ser chamada "negra" pelo marido, ao passo que uma mulher mais clara do que o marido nunca o chamara "negro". Vivemos fechados dentro da família onde não se focaliza a cor. Minha sogra não permitiu que as filhas se casassem com homens mais claros do que elas, para não serem desprezadas pelo marido, enquanto todos os filhos se casaram com mulheres mais claras. Assim agiram para evitar que a cor fosse motivo de desgostos, e somos felizes".

Caso nº 17 - A entrevistada, filha de pai branco, italiano, lenheiro, e mãe preta, cosinheira. Conta 32 anos de idade e está casada com um rapaz branco, sapateiro, filho de italianos, há 12 anos. Ficou orfã de pai aos 8 anos, tendo de deixar o grupo escolar e passar a trabalhar na fábrica até os 19 anos. Relata-nos o seguinte: "Minha mãe dizia sempre às filhas que se casassem com homens brancos. Este conselho decorria da própria experiência, por ter tido um casamento feliz, e pela observação da irmã, que casada com um preto, muito sofreu. Foi por influência de minha mãe que me casei com um homem branco. Aos 19 anos fui retirada da fábrica porque eu gostava de um homem de cor. Minha irmã mais velha, ao contrário, até hoje se conserva solteira à espera de um marido branco. Conheci meu marido numa festa familiar. A primeira vista ele achou que eu devia ser a "mocinha de casa". Certa vez tendo me convidado para ir ao cinema e eu rejeitado o convite formou um bom juízo a meu respeito. Pedida em casamento tive muito medo de encontrar a oposição na família dele por eu ser de cor. Isto não se deu, fui bem recebida. Durante os 6 primeiros anos de casada residi com meus sogros, onde fui feliz, não havendo animosidade como existia entre minha sogra e a outra nora branca. Eu agradava minha sogra no trabalho: nunca tive preguiça, e tirava o trabalho das mãos dela, poupando-a. Ainda hoje, aos sábados, vou à casa dela lavar-lhe a bateria de cozinha. Estive hospitalizada para fazer uma operação e durante minha ausência meu marido teve propostas amorosas dentro de minha casa, pois ele sendo sapateiro trabalha em casa. Enfureci-me, tive ciúmes e desejo de matá-lo. Briguei com aquela vizinha, que muito me ofendeu xingando-me de negra atoa".

Caso nº 18 - O entrevistado é mulato, casado com mulher preta e possui 7 filhos. É açougueiro tendo uma renda global da família superior a importância de Cr. \$1.000,00.  
Do relato do entrevistado: "Desejo que meus filhos

sigam minha profissão por ser um modo fácil de ganhar dinheiro. Faço questão que a minha família tenha boa alimentação. Sou respeitado pelos filhos. Fui criado no Estado do Rio por muito boa família, onde mantenho boas relações. Moro há quinze anos em São Paulo, e quando aqui cheguei senti diferença no trato por causa da cor. Existe preconceito entre as pessoas de cor por inveja, mau olhado".

O entrevistado é homem orgulhoso. Mora em cortiço e despreza os vizinhos como gente de cortiço. Diz que esta provisoriamente naquela casa pretendendo mudar-se logo.

Caso nº 19 - Trata-se de uma senhora de mais de 50 anos de idade, mulata. Seu marido é branco e ganha Cr.\$150,00 trabalhando na limpeza pública. É analfabeta. Possui 6 filhos, estando 5 filhas casadas com brancos e um filho casado com branco. Morou sempre no interior onde permanece a maior parte de sua família. Está em São Paulo há cinco anos. A entrevistada insistiu para que conhecessemos a beleza dos netos, crianças de olhos azuis e tez clara.

Do relato da entrevistada: "No interior eu gostava e atendia as mulheres como parteira. Aqui não tenho calma para costurar, fico nervosa de ver tudo sujo (habitação coletiva). No interior eu tinha uma casa ampla, enquanto aqui tenho de morar num quarto. Lavo roupa para viver. Meus netos são lindos, têm olhos azuis e cabelos amarelos. As pessoas não valem pela cor. Mas há pessoas que na rua desconhecem um negro; isso está errado. Está neta (menina de doze anos, garça) e feia, puxou as avós. Sempre lhe digo que ela não é filha legítima, mas foi dada, e apesar de ser brincadeira ela chora."

Caso nº 20 - Trata-se de uma mulata de 35 anos de idade, empregada doméstica e analfabeta. É filha ilegítima de pai branco e mãe preta. Foi criada por brancos, para os quais sempre trabalhou na posição de empregada doméstica, mas a eles se refere como "irmãos de criação".

Relatou-nos o seguinte: "Perdi minha mãe aos 2 anos de idade. Não conheci meu pai mas sempre ouvi falar dele. Eu era criança quando me disseram que ele havia morrido e meu patrão comprou uma besta da fazenda de meu pai; eu adorava aquela besta por que tinha pertencido a meu pai. Sofri muito quando criança por falta de carinho. Trabalhei 12 anos e a patroa guardava-me o dinheiro, ela morrendo eu não quis cobrar meus irmãos de criação para evitar desarmonia. Vivo só, não frequento bailes. A gente de cor não presta, não gehtora; não é gente unida; quando melhoram a posição procuram branco para se casar. É preciso clarear a raça."

Caso nº 21 - Refere-se a uma mulata de 37 anos de idade, operária, viúva. Possui três filhos, dois dos quais são operários. A soma dos salários da família perfaz a importância de Cr.\$800,00 por mês. São alfabetizados.

Relatou-nos o seguinte: "Casou-se aos 14 anos, com um preto, homem sem juízo que não gostava de trabalhar, tendo falecido há 3 anos. Depois de viúva mudou-se do interior para São Paulo. Procura criar os filhos de forma que sejam amigos. Quanto a cor nunca senti dificuldade por ser pessoa de cor. Fou-me tanto com brancos como com pretos. Sei que há brancos que desprezam, mas nunca senti isso. Minha melhor amiga é uma companheira branca da fábrica."

Análise das atitudes manifestadas nos casos de multados da classe social "inferior"

A luz dos casos apresentados traçamos as seguintes considerações: O mulato da classe social "inferior" demonstra consciência de côr através de atitudes orientadas no sentido de evitar a ofensa de ser chamado "negro". É tão sensível ao desprezo como negro, que inibe suas reações como no caso nº 15, em que a entrevistada afirmou não reagir para não ter seu nome no jornal ligado à especificação de sua côr. A consciência de côr parece mais acentuada no mulato do que no preto da mesma classe social. Observamos que o mulato age pensando sempre na côr da epiderme seja quando se case com um preto, mulato ou branco. Ou se une a um preto para se defender de ser ridicularizado e desprezado pelo branco, como no caso nº 16 em que a entrevistada decidiu casar-se com preto, o mesmo acontecendo no caso nº 14, ou o indivíduo procura fugir do preto e ligar-se ao branco pelo mesmo desejo de não ser desprezado como preto. A possibilidade do mulato poder se defender de ser desprezado como negro unindo-se ao preto ou ao branco refletiria atitudes exteriores do branco e do preto para o mulato. O branco também demonstraria atitudes ambivalentes em face do mulato. Pode-se aceitá-lo como no caso nº 17 e pode-se rejeitá-lo considerando-o negro, conforme o receio manifestado pela entrevistada do caso nº 7.

O preto, do sexo masculino, parece ter preferência pelo mulato e pelo branco para as ligações matrimoniais. Por sua vez a mulher mais clara o aceitaria como defesa e conformismo, neste sentido fala o caso nº 16.

A consciência de côr apresenta-se mais pronunciada no mulato do que no preto, talvez em consequência da sua situação de estar ligado biológica e socialmente aos dois grupos raciais. Esbati-dos os traços físicos da raça dominada, ao mesmo tempo apresenta traços negroides, o híbrido teria o conflito mental acrescido. Por um lado mais intenso o processo de identificação com o branco, tendo mais oportunidades para se aproximar do branco do que o preto, mas

por outro lado as marcas raciais podem desenvolver a rejeição social do branco. Tudo se passa como se o mulato, sentindo-se com mais direito de ser branco, se tornasse mais consciênte das atitudes de restrição do branco.

d) Casos de mulatos das classes intermediárias

Caso nº 22 - A entrevistada é parda, solteira. Ficando orfã muito cedo teve de ajudar a criar os irmãos. O pai foi farmacêutico. Com muita resistência relatou suas ideias sobre a questão de cor: "Minha família é mestiça como todos os brasileiros. O único elemento escuro de minha família foi minha avó paterna, quase preta. Meu pai foi farmacêutico muito estimado por suas maneiras finas. A família braqueou sempre. Meus irmãos estão casados, são funcionários ferroviários". A entrevistada considera-se branca. Suas cunhadas são brancas e com orgulho exibiu-nos a sobrinha de tez clara. De outro sobrinho que é pardo disse: "não sei porque este saiu moreninho".

Caso nº 23 - Trata-se de uma moça parda de 28 anos de idade, solteira. Possui curso secundário e exerce o funcionalismo público. Deu-nos suas opiniões nos seguintes termos: "A cor motiva grande complexo de inferioridade: a gente se sente inferior ao branco, feia, diferente, e muitas vezes vergonha de si mesma. Consequentemente manifesta-se o retraimento, um sentimento de humildade, levando a pessoa a evitar aparecer. Pelo desprezo, os brancos nos colocam nessa situação. Antigamente eu sentia muito mais a atuação daquele complexo, hoje não tanto, porque procuro melhorar minha aparência. Quando aluna do grupo escolar eu tinha vergonha de ficar diante da classe, e só hoje sei porque. Não ando em companhia de pretos ou mulatos, e diante do branco não o sinto me repelindo; daí me convencer que o desprezo da parte do branco não era tão forte como eu pensava. Convenci-me de que não sou preta, apenas descendo de preto pelo lado paterno. Hoje se espero que uma coisa se realize e se dá o contrário, atribuo a causa à cor. Por exemplo, em questão de casamento penso que até hoje não deu certo por causa da cor. Apesar disso, sinto-me mais independente do complexo; não sou tão tímida como fui. Evito a companhia do preto e do mulato por ser um deles, por vergonha. Ninguém quer a companhia deles, a gente também fica acanhada em andar com eles. Não seria capaz de amar um preto ou um mulato, mas desde que não se percebessem traços de ascendência preta, eu me casaria com uma tal pessoa. O que importa é a aparência. Já tive muitas experiências desagradáveis por causa da cor. Há dias fui obrigada a discutir com duas pessoas estranhas, brancas, por questão de lugar em uma condução, e diz-me uma delas - "a gente se meter com negro é isso que dá". Nas atitudes com namorado deixo que ele resolva se me quer ou não. Se eu fosse branca não seria tão submissa, mas tomaria a iniciativa para encaminhar ao casamento".

Caso nº 24 - A entrevistada é uma senhora parda de 31 anos de idade, casada com um branco, professor de curso secundário. Disse-me o seguinte: "Sob o ponto de vista estético o preto ou o mulato, que apenas tem a pretensão de ser

branco, são inferiores ao branco. Há preconceito de cor que se manifesta em todas as atitudes das pessoas em geral: uns demonstram o preconceito com benevolência exagerada e outros com muito desprezo. Naturalidade ou igualdade no trato do branco para as pessoas de cor não há. Em consequência do preconceito do branco, o negro se torna com complexo que o prejudica, porque se ele tiver iniciativas, ele realizara apenas a metade do que seria capaz, dada a inibição pelo complexo de inferioridade. Ele é inibido em todas as atitudes. Não tenho experiências pessoais desagradáveis, porque fugi muito do negro, e como mulata procurei me assemelhar ao branco. Desde muito criança ficou tão arraigado em mim a atitude de fugir da raça que nunca penso em mim em termos da cor mas sinto e observo o que se passa com outro. No ajustamento ao casamento minha cor não influiu durante o 1º ano de vida conjugal porque meu marido considera o brasileiro um mestiço. Sei que muitas vezes meu marido teve críticas desfavoráveis por se decidir a se casar comigo, o que me magoou e o feriu. Se eu fosse branca seria mais feliz no casamento, porque mais natural, mais espontânea, menos inibida e menos preocupada com o ponto de vista estético. Atualmente sinto dificuldade porque vejo o aborrecimento de meu marido por eu ser de cor: passado o período de forte entusiasmo afetivo, ele começou a sentir espécie de desapontamento por me ter como esposa: demonstra pena ou vergonha quando observa algum traço físico nos filhos. Estes ressentimentos dele me ofendem, e nos põe em conflito."

Caso nº 25 - O entrevistado é pardo, de 34 anos de idade, funcionário público federal. É casado com uma parda e possui 2 filhos menores pardos. Sempre residiu em São Paulo, mas espera dentro em pouco ser removido para o Rio, tendo em vista melhorar economicamente. Emitiu suas opiniões nos seguintes termos: "nasci sem consciência de cor, isto é, não sabia que fosse considerado diferente: creio que por viver onde não havia pretos. A primeira vez que tive um choque, foi aos 7 anos quando entrei para o grupo escolar. Briguei no primeiro dia de aula, um menino me chamou de negrinho. Com o tempo fui conquistando a estima dos colegas e esqueci o choque. No curso secundário, pessoas mais educadas, não me chamavam de negrinho, só na rua o que sempre me causava aborrecimentos. Depois dos 15 anos percebi que havia má vontade da parte de certos professores devido a minha cor: embora eu estudasse não me davam notas para promoção. Assim perdi 4 anos e me desencorajei de seguir o curso superior. Hoje sei que aquelas reprovações tiveram força preponderante em meu destino. Dos 18 aos 21 anos eu era diferente dos outros, não namorava. Quando consegui namorar tratava-se de uma moça da minha cor. E pensei - é mais lógico namorar uma de minha cor. Dois anos depois casava-me com ela, não que a amasse, mas para fugir a outras dificuldades de casa. Este fato se deu há 10 anos. Atualmente não tenho conflitos ou problemas por causa da cor. Fiz esforço para integrar-me na classe média. Antes meus amigos eram mulatos. Então desagradava-me ouvir "Você e fulano são inseparáveis", ressaltavam aquilo que me unia, que havia de comum entre eu e os amigos: a cor. Comentários desta natureza me levaram a evitar a companhia de mulatos. Hoje meus amigos são brancos. Sinto-me considerado por eles; são meus colegas de trabalho. É impossível conciliar a classe de mulatos com a classe média de brancos. O preconceito na forma que eu sinto é uma certa timidez por uma ideia fixa: não tenho boa aparência. Entretanto muitas vezes

se pode ser apreciado. Sempre há umas más vontades contra a gente, devido a cor, como tirar-nos o acesso. Grande parte dos brancos falam com boa vontade sobre os pretos encorajando-os. Muitos amigos fazem questão da minha companhia; justificam-se dizendo-me que não sou preto. O preto está em situação inferior. Não tem acesso nos empregos. Vive nos botequins a gesticular, demonstrando mais aos brancos que são inferiores. Quando aparece um preto que se destaca o branco fica admirado pelo conceito que tem do preto como grupo. O mulato está muito melhor. Em bailes o preto toma uma atitude de barbaro dansando, pulando e rindo muito. O mulato dá aos bailes um caráter civilizado, aproximando-se dos brancos. O mulato é mais competente e está melhor situado na vida. Há preconceito entre o mulato e o preto. O mulato fica aborrecido quando em seu baile começa aparecer muito preto. Os pretos sentem complexo de inferioridade pelo qual justificam seus fracassos: "sou preto".

Caso nº 26 - O entrevistado é pardo e conta 35 anos de idade, Exerce uma profissão liberal. Está casado há 10 anos, com uma parda escura de cujo consorcio tem 3 filhos: 2 meninos pardos e uma menina preta. Quando criança morava em companhia de sua mãe, em casa dos patões desta. Relatou-nos o seguinte: "Toda a minha força para fazer um curso superior vem em consequência da patroa de minha mãe ter alegado a minha cor como obstaculo para cursar uma escola superior. Ela alegava que ninguém procuraria um médico ou um advogado de minha cor. Então ela tentou encaminhar-me para o comercio, mas como eu me opuzesse ela deixou de auxiliar-me dizendo: faça o que entender sozinho; quero ver o que voce vai dar". Diante da dúvida da patroa quanto à minha capacidade, decidi seguir um curso superior e venci. Antigamente eu enfrentava combativamente as dificuldades, hoje deixo que as coisas tenham seu curso, apenas tiro o corpo para que não me atinjam. A minha posição social resulta de minha astúcia e do esforço para estar bem com todos, existindo também um desejo sincero de facilitar a vida para todos. Há anos fundei uma sociedade de pretos com o fim de melhorar a situação do preto, dando-lhe instrução. Este meu intento não pode ir adiante, por encontrar obstáculos no proprio negro. O negro suporta ver outro negro em situação social melhor do que a sua, mas independentemente de minha vontade eu não poderia ceder-lhe o meu lugar melhor que exigia grau superior. O preconceito contra o negro é variavel, segundo a procedencia do individuo, tempo de radicação. O imigrante por exemplo vem do exterior com juizo formado sobre o negro, sem ideias do preto civilizado. Nas nossas escolas superiores o negro sofre campanha. Eu senti opposição do meio. Hoje me imponho pelo meu cargo. A campanha ou opposição por preconceito varia com as classes sociais. O preconceito consiste em não querer que o individuo de cor apareça. O branco assim age em defesa propria. Nisto vai um pouco de imitação do que acontece nos Estados Unidos. Aqui os brancos desejam impressionar o estrangeiro de que so existe gente branca. Procurar esconder o preto já é da mentalidade do povo. Se um descendente de preto tiver aspecto de branco, mesmo que conheçam sua ascendência, passa por branco. Aqui não se conformam com o fato de um preto ocupar situação superior. Ao povo parece causar vergonha o preto ter ação na vida social do país. O preto é muito intuitivo. Vem de uma civilização antiga, decaída, que já teve o seu apogeu. Há conceitos errados em torno do negro: "o preto é de-

sonesto", diz-se. O que acontece é o preto ser pessoa que vive com dificuldade; vive mal, rouba quando necessita ou por educação defeituosa. O preto em si não é trabalhador. É mais sociável que o descendente de índio. O preconceito dirigido ao mestiço obedece leis de acordo com o predomínio de raça em sua personalidade e traços físicos. Um negro não gosta de ver outro bem. Já lhe mentiram que é inferior de modo que quando ele vê um negro em situação melhor faz-lhe campanha contra: "um elemento de minha cor por cima quer dizer que eu sou inferior". A diferença de situação entre o Brasil e os Estados Unidos é que aqui não demonstraram ao negro o preconceito numa hostilidade aberta. A situação de dependência em que o branco o manteve fez com que ele caísse de uma vez. O negro saído do cativeiro, acostumado a depender, foi solto na rua. O negro vinha da África com organização tribal, aqui teve de se adaptar ao senhor para depois ser abandonado. Na casa do senhor havia o preto antipatizado e o que gozava de certas regalias, como a preta que fazia doce na casa da senhá, o preto cocheiro - porém não tendo voz ativa nada podiam fazer em favor dos outros. Depois de desorganizada a hierarquia negra a abolição vinha abandoná-los na rua. Muitos não saíram da fazenda por não terem para onde ir. A abolição resultou em independência de indivíduos e não de blocos de indivíduos. Portanto, após a abolição não podia haver uma igualdade entre pretos e brancos, e nem mesmo agora. O elemento branco com o mando nas mãos é quem predomina - há negros que gozam de melhor situação, mas para servir de equilíbrio em controvérsias. O que concorre para diminuir o preconceito são os interesses circunstanciais. Nos mestiços em que os traços dos ascendentes pretos se esbateram nota-se a preocupação em ocultar sua origem por vergonha".

Caso nº 27 - O entrevistado é pardo, solteiro, contando 23 anos. Trabalha em escritório comercial. Seu pai é preto e exerce o funcionalismo público. Suas irmãs são professoras normalistas. Disse-nos o seguinte: "O problema racial é muito sério, principalmente no nível social em que estou, é pior que num nível mais baixo. Quanto mais inteligente mais se sente e mais se sofre. A gente vive sempre espezinhada pelos outros. Não gosto de piadas sobre isso, principalmente se referem a mim - "o mestiço agora está ficando sabido!" O preconceito existe contra o preto e contra o mulato que quer passar por branco. Não posso ir a certas festas pois seria impedido de entrar, ou por razões que amigos brancos me apresentam, como por exemplo: - Não vá a tal festa porque os sócios não vão gostar e você não vai se sentir bem lá. Há firmas brasileiras que não aceitam empregados de cor. Diante dessas situações de preconceito fico com raiva. Notei que os colegas se convidam para festas em casa de família e não me convidam, deduzo o motivo. Vejo-me sempre empenhado em demonstrar valor próprio, que sou inteligente e conquistar a amizade para eliminar contra mim conceitos como o de que "negro quando não suja na entrada, suja na saída." Diante de alguns procuro captar a amizade e a confiança, conversando, fazendo-os ver que meu nível de vida não é mais baixo do que o deles, em face de outros passo adiante porque são estúpidos por natureza. Em minha personalidade o preconceito influe no sentido de desenvolver meios para captar a confiança e amizade desenvolvendo conversação em nível mais elevado do que a mentalidade do amigo; introduzindo-os em lugares que ele desconheça por acanhamento (por ex. num cabaret fino); demonstrando-lhe que frequento bons lu-

gares ou apresentando-o a bons amigos para proveito de interesses dele. Empenho-me em vencer daquele modo o preconceito porque pode influir na ascensão do cargo e afinal de contas a finalidade da vida é evoluir. O preconceito limita meu círculo social e fico revoltado. Somos revoltados, mas ninguém tem coragem de tomar uma atitude. Todos desejam uma modificação imediata, que não é possível. Em consequência do preconceito não vejo nenhum grande futuro para mim, talvez também por que não continuei os estudos. Não posso frequentar boas sociedades de nível superior a que tenho. Com o estudo poderia sufocar o preconceito. O preconceito pode ser vencido, mas não totalmente; "Fulano é doutor mas é preto..." 50% das pessoas não consultariam um médico preto. Não gosto de andar com amigos pretos; quando não posso andar com os que desejo, ando só. Não namoro pretas. Já tive namorada parda ou branca. As mulheres quanto ao preconceito têm mentalidade diferente: para mim é mais fácil conquistar uma branca de classe mais baixa do que uma mulata. Sim porque quem aceitaria um namorado de cor parda só pode pertencer a classe mais inferior. A mulata tem maiores aspirações, quer ter um namorado branco. As brancas são brancas, nesse particular não precisam desejar mais do que são. A última namorada que tive era parda, aparentemente trajava-me muito bem, sendo isso que me levou mais a conquistá-la pois que ainda não conhecia o seu nível mental. Infelizmente depois que a conheci interiormente, foi uma completa decepção, não passava de uma boçal e fazia demonstrar claramente o seu interesse por mim e assim são a maioria delas. Penso que a melhor forma para o negro progredir, seria o método usado nos Estados Unidos, isto é, uma completa separação, teriam eles de produzir para poder acompanhar o ritmo dos brancos. Poderemos afirmar que o negro da classe alta dos Estados Unidos é sem dúvida comparável ao branco da classe média daqui."

Caso nº 28 - Refere-se a uma mulata, de 25 anos de idade, solteira, residindo com os pais. Exerce o funcionalismo público, percebendo Cr.\$500,00 mensais. Tem curso secundário.

Conteúdo da entrevista no tocante a cor:

"Acho que os pretos estão em situação muito inferior no sentido de educação e instrução. São inferiores que nem procuram reagir, mas descem cada vez mais, entregando-se ao álcool e aos bailes. Para o mulato há duas situações: uma parte dos mulatos se integra no meio negro e a outra no meio de brancos, procurando valorizar-se dado o preconceito do branco. O branco tem preconceito para os característicos da cor. Sinto que existe preconceito contra mim mas não demonstram porque são educados. Sou tratada como igual, porém tenho certeza que no íntimo as pessoas são diferentes, pelo menos nos ambientes em que estive, no ginásio, e atualmente no trabalho. Consequentemente evito a companhia de pretos e mulatos".

Caso nº 29 - Trata-se de um mulato de 25 anos de idade, jornalista, com vencimentos acima de Cr.\$1.000,00. É casado com moça branca, de classe social inferior a sua. Possui curso secundário. O entrevistado considera-se branco e se impõe como tal, evitando abordar qualquer questão referente a cor.

Relato do entrevistado: "Moro em São Paulo há dez anos. Nasci no norte onde vivi até doze anos de idade em companhia de minha mãe e irmãos. Sinto grande desgosto por não ter cabelo bom (possue cabelos crespos

mas não encarapinhados). Não sei porque tenho cabelo feio. Todos em minha família são bonitos e têm cabelo bom. Não possuo nenhum ascendente preto, do lado materno ou paterno".

Caso nº 30 - Trata-se de um mulato, de 24 anos de idade, que trabalha em escritório percebendo Cr.\$500,00 por mes, e solteiro e reside com os pais. Possui curso secundário.

Relato do entrevistado: "A instrução seria o meio de eliminar a hostilidade e a inveja existente entre as pessoas de cor, e de aproxima-las mais ao branco. Mas o negro não tem estímulo para estudar porque sabe que depois de formado não terá oportunidade de ser aproveitado. Deste modo tem que se conformar com as ocupações de baixas categorias. As pessoas de cor percebem o desinteresse do branco para elas e no íntimo ocultam uma revolta. Não se sentindo aceito pelo branco o negro prefere viver isolado. Não é possível negar a existência de preconceitos contra o negro, porém é velado pelo branco."

Caso nº 31 - Refere-se a um mulato de 35 anos de idade, casado com uma mulata. É funcionario público percebendo Cr\$800,00 mensais. Possui curso primário.

Relato do entrevistado: "Estou ajustado, não sinto problemas. Fui preterido em acesso a cargos por ser mulato. Atualmente, estou satisfeito com uma promoção. Não tenho ambições de raça. Acho que o preto é uma raça sem futuro, e evito andar em companhia dele. Trabalho muito, além do serviço do estado, tendo conseguido construir uma casa própria. Minha maior ambição é alcançar independência econômica".

Análise dos casos de mulatos das classes sociais intermediárias:

Os mestiços das classes sociais intermediárias manifestam atitudes que revelam sentimento de inferioridade, vergonha de sua origem, e marcada sensibilidade relacionada com a consciência de cor. Esforçam-se no sentido de escapar da categoria de preto ou mesmo mulato, evitando a companhia daqueles e se aproximando do branco. Possuem intenso desejo de passar por branco, chegando a se vêr branco e dar ênfase ao conceito de que os brasileiros são todos mestiços, conforme as palavras da entrevistada do caso nº 22. Conquistando símbolos característicos de branco, o mulato consegue integrar-se no grupo dominante (caso nº 24). Todavia não desaparecem de sua personalidade a sensibilidade e o sentimento de inferioridade relacionados com a consciência de cor.

As classes sociais intermediárias aceitam o mulato desde que ele se apresente como "branco". Com o fim de não ser repellido como pessoa de cor, o mulato desenvolve certos traços de personali-

dade e determinadas atitudes. Encontramos o mulato evitando a companhia de pessoas de côr. A afirmação do entrevistado do caso n° 25 de que o "preto é inferior e o mulato, mais competente, acha-se em melhor situação social" demonstraria menor oposição da parte do branco em relação ao mulato. No caso em apreço vimos que os traços físicos refletem, no nível mental, o pensamento obsessivo de não possuir boa aparência. Este pensamento indica possivelmente que as dificuldades de ascensão social estão diretamente ligadas à côr, ou em outras palavras, desde que não se perceba a origem africana o indivíduo não sentirá dificuldade para ingressar no grupo dominante, a interação social se dando como se êle fosse branco.

Refere-se o caso n° 26 a um indivíduo de côr parda que conseguiu fazer o curso superior, e posteriormente exercer funções equivalentes aos direitos conferidos pelo diploma, em consequência de lhe terem apontado a côr como obstáculo às aspirações de fazer um curso superior. Não obstante nosso entrevistado ter vencido o curso superior conserva ainda traços de personalidade ligadas por um lado às marcas raciais e por outro a condições sociais: sentimento de inferioridade, timidez e desconfiança, reserva excessiva e auto-crítica exagerada que resultam em uma vida de relativo isolamento social. Seus contatos sociais quasi que se restringem ao ambiente de trabalho.

O entrevistado do caso n° 27 percebe restrições sociais devidas à côr pelo fato de não poder frequentar festas familiares ou clubes de brancos, pela rejeição de firmas brasileiras a pessoas de côr, pela preterição no acesso de cargos e por certos conceitos desfavoráveis referentes ao preto. O fato do sentimento de inferioridade revestir-se de pensamentos relativos à côr denota que a situação social lhe apresentou condições que tornaram possível a objetivação daquele sentimento ligado à côr.

A afirmação do entrevistado de que tem mais facilidade para namorar moça branca da classe "inferior" do que uma mulata de sua classe parece evidenciar "a tendência das mulheres do grupo de posição social inferior para se casarem com pessoas do grupo de posição

superior, fenômeno denominado por hipergamia. Por outro lado a preferência do homem de cor pela mulher branca, mesmo de classe inferior a sua, denota o valor que ele dá à cor branca. Em geral a mulher branca por ele conquistada é de nível social inferior ao seu.

As atitudes do mulato decorrentes da consciência de cor constituem indícios da oposição que ele encontra da parte do branco, enquanto sua posição integrada no grupo dominante indica a fragilidade da barreira que lhe é anteposta. Tal possibilidade de alcançar status de branco dá evidências da situação racial em São Paulo. As restrições do branco para o mulato atuam na proporção em que o indivíduo apresenta traços negroides associados a traços de personalidade com valores de status inferior. À medida que o indivíduo "branqueia" na cor e na personalidade encontra maior aceitação social. "O que importa é a aparência", afirmou a entrevistada do caso nº 23.

Os casos apresentados demonstram que não temos o preconceito racial, no sentido de uma atitude de antagonismo de toda a população, atingindo a todos os indivíduos descendentes da raça dominada, mesmo quando remotamente. Entre nós é suficiente que os traços raciais sejam atenuados e que o indivíduo apresente valores da classe dominante para ser integrado entre os brancos.

O mulato é discriminado na medida que lembre sua origem africana, principalmente pela cor. Esta observação apoia a hipótese de Oraci Nogueira (9) no sentido de existir entre nós um preconceito de cor distinto do preconceito de raça e de classe.

Na África do Sul ou nos Estados Unidos o preconceito é participado por todos os indivíduos do grupo dominante contra todos os descendentes do grupo dominado, mesmo contra aqueles que não sejam identificados por marcas raciais, mas unicamente pelo conhecimento de algum antecadente remoto pertencente à raça menosprezada.

Podemos aplicar aos casos apresentados a interpretação do Prof. Donald Pierson sobre a situação racial na Baía: "A aceitação deles, de um negro ocasional, de alguns mulatos escuros bem como de

9 - Oraci Nogueira, "Atitudes desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor" Sociologia, vol. IV, nº 4, 1942, pags. 328-358.

numerosos mulatos claros nos círculos sociais superiores mostra de maneira concludente o fato de que se uma pessoa tiver capacidade e competência geral, a dificuldade da cor pode ser, e está sendo constantemente superada. Enquanto é indubitavelmente verdade que o status continua extensivamente a coincidir com a cor, o fato de certos indivíduos, que são bastante escuros e possuidores de traços negroides jamais terem sido admitidos em clubes exclusivos e por outro lado terem alcançado posições de confiança e responsabilidade na comunidade demonstra bastante claramente que na Baía a cor está subordinada a outros índices de identificação de classe. A competência individual contrabalança a descendência racial na determinação final de status. A cor é indubitavelmente um obstáculo. Mas tende sempre a ser esquecida, se o indivíduo em questão possuir outros característicos, que identificam as classes "superiores", tais como competência profissional, capacidade intelectual, educação, riqueza, boas maneiras e atrativo pessoal, e especialmente para as mulheres, beleza. Tudo isto são característicos que definem status numa sociedade mais baseada em classe do que em distinção de casta".(10).

Entre nós a cor apresenta o mesmo característico das classes sociais, no sentido de poder ser superado, constituindo portanto um dos fatores a se levar em conta na determinação do status social. As atitudes de consciência de cor do mulato, apesar de inte-grado no grupo dominante, seriam a manifestação de fenômeno semelhante àquele que se verifica em indivíduos que subiram de uma classe para outra.

e) - Atitudes Reveladas numa Associação de Homens de Cor por um dos Membros da Diretoria

Para o estudo das atitudes raciais de pretos e mulatos, através de uma instituição, tomamos a "Associação de Negros Brasileiros"(x), organização que se desenvolveu em São Paulo, entre 1931 e 1937.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas, de alguns documentos daquela instituição, e de opiniões emitidas em "Os Descendentes de Palmares" (x), mensário da mesma instituição.

Do material colhido depreendemos os motivos individuais e coletivos e os objetivos da associação, assim como os obstáculos surgidos no seio dos agremiados ou os provenientes do exterior.

Quanto aos motivos que levaram um grupo de pretos conscientes a desenvolver uma associação, salientam-se as razões sociais, as de ordem econômica e as de natureza "sentimental".

O Prof. Donald Pierson, em seu trabalho Negroes in Brazil, encontrou na Baía uma ordem social de livre competição, na qual os indivíduos competem largamente por uma posição baseada no mérito pessoal e favoráveis condições de família. A competência individual tende a preponderar sobre a origem étnica como um determinante de status social. "Entretanto a parte mais escura da população, como quasi sempre notamos, tem lutado com as sérias desvantagens de terem seus pais, avós ou outros ascendentes proximos começado "de baixo" como escravos da classe branca dominante, e de exibirem sempre, em virtude da cor e de outros característicos físicos, as marcas indeléveis da ascendência escrava, símbolos indestrutíveis de baixo "status". Não é surpreendente, portanto, o fato de que pretos relativamente puros estejam ainda concentrados nos empregos de baixo "status" e de pequeno salario, e tambem sua diminuição gradual è medida que se sobe na escala ocupacional, até serem raramente encontrados nos níveis mais altos". (11)

Os dados que apresentamos parecem expressar os mesmos fatos observados pelo Prof. Pierson, no que se refere à concentração dos negros nas camadas inferiores da escala ocupacional. Os dirigentes da "Associação de Negros Brasileiros" estavam conscientes das suas condições desfavoráveis na competição com o branco, conforme o

(x) - Por razões obvias, o nome da Associação (pg. anterior) e o título do mensario são fictícios.

11 - Donald Pierson, op. cit. pag. 177.

o relato que obtivemos de um deles, segundo os termos de um manifesto lançado aos negros, e o programa que se traçaram.

"Diz o manifesto em um dos tópicos: "Gozamos teóricamente de todos os direitos, que juridicamente nos garante a própria Constituição. "Mas... por forças da sociedade, que estão inapelavelmente acima da lei ou contra ela, evitam-nos e até nos expulsam das suas instituições burocráticas, de utilidade político-social, de ensino e de formação intelectual, moral e religiosa; abominam-nos nos orfanatos hospitalares e demais casas de assistência social, e até nas casas de expressões econômicas em que, com eficiência de capacidade e competência, poderíamos ganhar o pão de brasileiros e humanos. Não ha, para nos, justiça social. Em situação de direitos, quando apelamos para quem não-la garanta já estamos antecipadamente derrotados na demanda. Relegam-nos, pois, a nós brasileiros, a uma posição horrível de inferioridade, de desprestígio perante o nacional branco, e o que mais revolta, perante o estrangeiro.

..."Esbulhados de posses pessoais e coletiva, não há quem eficientemente advogue nossa causa, enquanto muitos, de nos, na ignorância da situação, nos esquecemos do futuro nosso".

Fundamentando as razões para promover a agremiação dos negros, o entrevistado, que é uma pessoa de cor preta, funcionario público, e particularmente exerce uma profissão liberal, refere-se às condições precárias em que vivem:

"Procedendo a um inquérito encontramos a maioria dos negros passando privações terríveis - grande numero de desempregados, morando mal acomodados em porões, imundos, na promiscuidade que favorece a destruição moral da família. Pelas pesquisas realizadas por nós 80% dos negros da Capital não exerce profissão definida. O negro é meio carpinteiro, meio mecânico, meia colher, nunca chegando a ser oficial completo, ajudante disto ou daquilo. Após a abolição, precisando de um meio de vida, intitularam-se "ganhadores". Hoje, não ha grande diferença da natureza de serviços dos negros de 50 anos straz. Apenas os de hoje intituam-se "biscateiros". Entretanto encontramos negros profissionais competentes: mecânico, carpinteiro, eletricitista, datilógrafo, taquígrafo e liberais. Mas não ha serviço para eles. As ocupações do negro são: engraxate, ensacador, estafeta, faxineiro, contínuo, motorista, motorneiro, guarda-noturno, guarda-civil, cosinheiro, ferroviário, etc..

"Historicamente, a desorganização moral e econômica do negro se explica pela abolição da escravatura conferindo-lhe apenas a libertação física, abandonando-o na rua, depois de destruída a cultura africana pela escravização. Vindo a libertação quando tinham perdido, sua cultura, encontraram-se os negros desarmados para competir com os brancos, resultando uma queda econômica e moral completa. Em São Paulo não ha negro rico porque o imigrante tomou-lhe o comercio, e por terem sido destituídos de seus bens pelos paulistas. Estes, quando bem economicamente doaram terras aos negros, e depois quando empobrecidos as retomaram, enganando-os".

Em São Paulo, porém, talvez mais acentuadamente do que na Baía, a posição ocupacional inferior do negro influiria aspectos da luta no nível de "status" social, isto é, com mais dificuldade venceriam os méritos pessoais, porque encontrariam maior resistência como negros. Baseamo-nos para esta hipótese no depoimento do entrevistado:

"Na Baía e no Rio de Janeiro não nos foi possível fundar a Associação de Negros porque os negros não sentiam necessidade como aqui.

Concluímos por meio de inqueritos, que entre nós, vários estabelecimentos comerciais não aceitavam negros para seus serviços fosse qual fosse a capacidade oferecida. As mulheres é que minoravam a situação, trabalhando como empregadas domésticas, e levando as sobras de comida da casa dos patrões. Em uma casa comercial que pedia empregados, depois de um preto ter demonstrado capacidade para correspondente teve por resposta -"o snr. tem competência, mas é pena, não aceitamos elementos de côr".

"Nos concursos oficiais as vagas não eram preenchidas por pretos.

Em outro caso, tratava-se de um engenheiro de côr, que se esgotou lecionando, à espera de colocação que nunca conseguiu. Era rapaz inteligente, medroso e tímido. Alimentando-se mal, enfraqueceu, morrendo aos vinte e pouco anos, tuberculoso e indigente.

Vêm-se advogados bebendo, completamente entregues ao álcool, por não conseguirem trabalhar depois de formados. É por esta razão que o negro ingressa nas ocupações inferiores".

Os objetivos dos Associados, visavam em primeiro plano, a conquista de melhores condições econômicas, como podemos observar através do programa da Associação:

- a) - Disseminação da Associação por todo Brasil;
- b) - Que nesses núcleos se promovesse intensa difusão do ensino primário;
- c) - Criação de escolas profissionais mistas;
- d) - Distribuição de terras férteis e salubres aos negros;
- e) - Criação de cooperativas, a fim de que nas terras distribuídas pudessem os negros viver amparados economicamente, recebendo instrumento de trabalho, roupas, viveres, que lhes seriam debitados em conta corrente, para pagar com as suas colheitas entregues as cooperativas para a venda;
- f) - Nesses núcleos coloniais, se difundiriam a instrução primária, profissional, técnica e militar, para que pudesse ser o negro um cidadão e um soldado ao mesmo tempo;
- g) - Nas capitais dos Estados se criariam Tipos de Guerra filiados ao departamento da Associação;
- h) - Os negros diplomados nas escolas profissionais como artifices teriam preferência para ingressar nos Arsenais de Guerra e Marinha, na construção de estradas de ferro, e demais serviços federais, e seriam infiltrados nas companhias estrangeiras, especialmente de metalúrgica, petróleo e estrada de ferro, como

- elementos de ação imediata e vigilância contra a sabotagem em caso de guerra imperialista contra o país;
- i) - Fornecimento de sedes e campos esportivos;
- j) - Creação, nas grandes cidades de institutos médicos, hospitais e creches, que também serviriam para a internação das crianças durante as horas de trabalho das mulheres negras operárias;
- k) - Obra de amparo do negro inválido em serviço ou pela velhice;
- l) - Fornecimento de livros para a criação de bibliotecas nas sedes da Associação;
- m) - Montagem de um prelo, em São Paulo, para a impressão de livros e boletins;
- n) - Fornecimento de transporte para as caravanas de propaganda;
- o) - Ser a Associação considerada de utilidade pública nacional pelo Governo da Republica."

Ainda que o programa da Associação focalizasse os aspectos econômicos para a obtenção de melhores condições materiais, não podemos concluir que tal tivesse sido o único objetivo dos agremiados. É que os dirigentes do grupo viam na ascensão econômica o meio de alcançar recursos materiais para conseguir a elevação nos níveis intelectual e moral, e assim aparelhados, se empenharem na luta pela conquista de reivindicações sociais. Procuravam conseguir melhores condições econômicas, e físicas mas visavam também a elevação do nível intelectual e moral do negro cuidando da instrução, da educação e do desenvolvimento da consciência de côr. São expressões de nosso entrevistado:

"Empregados em trabalho de baixo salário, os negros se achavam absorvidos pelos problemas de prover a subsistência. Não lhe ficava tempo e energia para adquirir elementos intelectuais a fim de compreender os determinantes sociais de sua miserável condição. Vimos ser necessário, em primeiro lugar abrir caminho no campo econômico. Movemos campanha contra os estabelecimentos que não queriam aceitar negros, pedindo apoio ao Governo. Enviamos uma carta ao Interventor Federal em São Paulo:

"Conhecedores que somos do programa lançado pela revolução triunfante de 30, venho em nome da Associação protestar contra o não cumprimento do referido programa, na parte em que o mesmo se refere aos brasileiros natos, os quais deveriam ser os únicos preferidos, nos empregos públicos, uma vez provada sua capacidade física, moral e intelectual; embora, porém, o programa não se refira aos negros brasileiros especialmente, penso que referindo-se a brasileiros natos, esteja também incluída a gente negra brasileira que é, foi e continua sendo parte integrante da nacionalidade. Diante do acabamos de expor ignoro, assim como todos os meus irmãos ignoram, o porque de continuar sendo o negro preterido em seu próprio país, para o qual nunca titubearia em derramar o seu sangue, e não titubearia ainda quando necessário for a sua própria vida em todas as campanhas,

que tenham por finalidade a grandeza do Brasil que muito amamos. Vou pois, illustre patricio, entrar no assunto que nos trouxe a lhe escrever a presente carta: A Guarda Civil de São Paulo está repleta de estrangeiros uns naturalizados, outros não; no Gabinete de Investigações, no Palacio da Justiça idem, e assim sucessivamente; entretanto na Guarda Civil, apesar de nossos pedidos, não temos conseguido colocar um negro sequer como guarda civil, por ser sempre a eterna desculpa - "não ha vagas" - mas quasi diariamente são admitidos estrangeiros".

"É um erro pensar que os negros tencionam crear uma questão dentro do paiz. Queremos apenas encontrar maiores facilidades em todas as atividades. Que o negro seja integrado absoluta e completamente em toda vida brasileira, (econômica, política, social e religiosa). O negro brasileiro deve cessar de ter vergonha de seu componente racial. Este problema somente se resolvera, por esforço geral, uma educação nova, em que se cancele aquele sistema estulto de menosprezar e negar o negro, em toda nossa evolução historica ou de exaltá-lo de forma contraproducente. Protestamos porque nos repelem, unicamente como negros".

"Além das condições históricas, que determinaram sua posição econômica inferior, ha um preconceito contra o negro que o tem prejudicado socialmente.

"Elementos da Associação de Negros experimentaram comprar ingressos para o "rink" São Paulo. Sabiamos que não nos venderiam, mas nos submetemos a experiência. "Não lhe poderemos vender ingressos", disseram-nos na bilheteria. Comunicamos o fato ao Governo. A imprensa pediu a intervenção da Policia. Os jornais do Rio protestaram dizendo não ser um caso de policia. Afinal o Chefe de Policia, deu um comunicado à imprensa afirmando que os negros seriam garantidos, somente sendo proibida a entrada a elementos que prejudicassem a ordem, sem distincão de cor. Em breve o "rink" de patinação fechou as portas. Dificultam a vida ao negro para vê-lo exasperado, infringir leis e depois dizer - é negro, é criminoso, e prendê-lo."

"A parte sentimental constitue a grande tragédia aberta ou silenciosa, determinada pelo preconceito de cor. O casamento é um problema. Inumeros negros intellectuais não se casam porque para se casar com mulher branca teriam de tira-la de classe social inferior a sua. E nos intercasamentos, embora, os dois se amem, ha interferências sociais que prejudicam a harmonia do casal."

"Os negros não têm consciência das condições que lhes trazem dificuldades. Diante das primeiras desilusões ficam desorientados, e pensam: meu mal é ser negro. Se, porém, estivessem prevenidos saberiam desvencilhar-se de obstáculos."

"O abandono do negro, sem cultura própria pela abolição, o auxilio mesquinho do branco impediram que o negro se tornasse consciente de sua miserável condição ligada a fatores sociais, e não ao fator racial. O negro conformou-se com as migalhas dadas pelos brancos. Ele acha que tem outros direitos, mas considera caritativos aos brancos, que lhe dão roupas usadas e sobras de alimentos. O negro apadrinhado se habituou a pedir ao branco e se contentar com o que recebesse. O negro deve sua inferiorização à complacência do branco em posição superior, auxiliando-o com pequenos donativos.

"O trabalho que se move contra o negro é traiçoei-

ro é disfarçado. Não é feito abertamente como nos Estados Unidos, onde o negro alcança melhores situações econômicas. No Brasil, o negro é levado com sentimentalismo prejudicial, que consegue fazer dele um pobre diabo digno de piedade, um vencido ou um bandido."

Focalizando os vários aspectos de desenvolvimento da instituição, poderemos evidenciar as atitudes dos pretos dentro do grupo. O relato que se segue proném de nosso entrevistado:

"A arregimentação do negro foi difícil. Ele não tinha interesse numa sociedade, que não tivesse o alvo recreativo de proporcionar bailes. Além disso o negro não confiava no próprio negro - quando um branco tomava a palavra era apoiado, mas quando o negro falava era rejeitado. Dentro da sociedade o negro manifestava a mesma atitude de menosprezo e falta de espírito de cooperação, que se observa diariamente em face de negros intelectuais. O preto não procura os consultórios de pretos por desprezo - "ora, um negro advogado!" Dêste modo os negros de profissões liberais têm da parte do negro falta de confiança e o desprezo, e da parte dos brancos a exclamação de que se trata de "um negro inteligente", mas nenhum apoio.

"Os negros não aceitam a estratificação social entre eles, motivo de grandes dificuldades contra as quais a Associação lutou.

"Concluindo pela falta de preparo para defender-se, pois o negro fica humilhando-se com o pensamento - "meu mal é ser negro - os dirigentes da Associação começaram a desenvolver uma indisposição do negro contra o branco. Focalizaram-se então, as injustiças, e mais do que isso as perseguições sofridas pelo negro. Consequentemente o negro desenvolveu forte animosidade contra o branco a ponto de não tolerar a presença do branco dentro da agremiação. Indagavam hostilmente - "que é que branco vem fazer aqui?". Viram-se os dirigentes em apuros para que não surgissem sérios conflitos. Nossa atitude também estava refletindo-se fora. As patroas, antes de aceitar uma empregada de cor, indagavam: "é da Associação de Negros?". Em caso de resposta afirmativa, não a aceitavam. Tão revoltadas se tinham tornadas as associadas, que não eram desejadas para empregadas. A imprensa fechou-nos as portas, dando a entender ao povo desprezado que estávamos criando um caso no Brasil. A agitação provocada foi como que o rastilho para a explosão da bomba: houve um começo de arregimentação negra no Brasil e os brancos, então, tremaram no pedestal de sua apregoada superioridade racial.

"A campanha exterior contra a Associação não cessava - polêmicas foram travadas; artigos doutrinários, conferências públicas e privadas, entrevistas na imprensa, caricaturas nas revistas cariocas, enfim manifestações, que constituíram a ofensiva e contra-ofensiva ao movimento. Entretanto a onda de sócios crescia, propagandose em São Paulo e pelo interior, agregando indivíduos que já estavam embebidos de nosso ideal e sentimento.

"Mas, por outro lado, lavrava a discórdia entre os milhares de sócios descontentes com o regime arbitrário, violento, que vinha caracterizando a direção. A dissidência entre os líderes desenvolveu a desconfiança dos negros, enfraquecendo a união, ocasionando

a retirada de muitos sócios. A crise interna culminou com a mudança de diretoria, sendo iniciada nova orientação aos trabalhos. Visando impor a Associação aos brancos, organizamos um programa para desenvolver a instrução e elevar o nível cultural e moral do negro. Procuramos preparar o negro para bem apresentá-lo, a fim de dissipar a impressão de hostilidade para o branco. Foram organizados varios departamentos:

- O Departamento educativo procedia à alfabetização por meio de cursos noturnos;
- O Departamento recreativo desenvolvia a declamação, a dramatização e os bailes;
- O Departamento de publicidade através do mensário "Os Descendentes de Palmares".
- O Departamento de assistência social, médica e dentaria.

"Depois do desenvolvimento de algumas atividades dos diversos departamentos, convidamos associações de brancos e a imprensa para assistirem a um festival. A nossa festa muito agradou, e assim atingimos a finalidade de cativar novamente a simpatia dos brancos. Organizamos bailes moralizados, não se para satisfazer aos negros descontentes como meio de conseguir fundos para as despesas da escola e da assistência social. Os bailes alcançavam uma renda de Cr.\$5.000,00, enquanto com dificuldade conseguíamos arrecadar as mensalidades de Cr.\$2,00.

"Passou a Associação a pleitear uma representação política - O requerimento foi debatido e negado. Apellamos para o Supremo Tribunal. Objetavam "para que um partido de negros se somos todos brasileiros?" Os outros sem sempre sentiriam o que nos sentiamos e se acanhariam em dizer na Camara o pensamento do negro. Finalmente foi-nos concedido o reconhecimento como entidade política. Atraves do partido político ganhamos maior força de ação no país. Pretendiamos colocar um representante político para todo o Brasil, e se não tivessemos votos suficientes negociariamos os votos com pessoa de nossa confiança. Em seus primeiros passos, o partido apoiaria candidatos a deputados, senadores e presidentes da Republica em troca de algumas vantagens ate que pudessemos adquirir fundos para fazer propaganda para o negro votar em seus candidatos negros.

"Conseguimos escolas publicas e professoras negras foram removidas do interior, para lecionar naquelas escolas. A guarda civil pela primeira vez teve negros em seu quadro.

"Em 1937, como todas as organizações políticas do país, a Associação teve fechadas suas portas pela Carta Constitucional de Novembro do mesmo ano. Por outro lado a sociedade não possuia recursos materiais para se manter ate que se definisse sua situação.

"Em resumo, a Associação de Negros teve a seguinte evolução - 1a. etapa: Consistiu nos trabalhos de arregimentação. Esse trabalho foi muito árduo porque a libertação de 88 trouxera-lhe fraqueza de caráter. Enquanto escravo, o negro tinha mais força de caráter para trabalhar afim de comprar a sua liberdade. Os negros foram cirados por branco e têm mentalidade de branco, por isso se consideram inferiores. Com a decadência moral e social do elemento negro, varios dos de sua raça

envergonham-se de sua epiderme escura ou de sua ascendência. Esses envergonhados constituem o maior obstáculo, prejudicando a formação de uma consciência racial em oposição aos que constantemente negam os feitos do negro no Brasil. Esses elementos têm verdadeiro pavor de enfrentar ambientes de negros, limitando-se a viver isolados e refratários a qualquer movimento em defesa dos seus. Permanecem alheios. Há de se notar que alguns desses negros têm valor intelectual.

"O primeiro presidente da Associação foi um intelectual negro, que tinha mentalidade de branco, fato que determinava um afastamento entre ele e a massa. Era adepto do patrianovismo, discordando da opinião dos outros. A animosidade da massa crescendo levou-o a demitir-se.

"Diante das dificuldades para a solidariedade do grupo os dirigentes desenvolveram a associação de negros contra brancos.

2a. etapa: Nova diretoria e nova orientação. A luta passou a ser de negros contra negros - obrigar o negro a se agremiar, a adquirir nova mentalidade na instrução e combater o negro decaído ou oposicionista. Organizaram-se os vários departamentos. Muitos negros debandaram para outras organizações recreativas e não culturais. A Associação continuou em seu propósito, procurando desenvolver a instituição familiar, o interesse pela economia, a elevação do negro para conquistar a simpatia do branco. Alcançada a fase de intercâmbio com associações de brancos estava vencida a etapa.

3a. etapa: Pleiteamos o reconhecimento da Associação como entidade política, a qual conseguimos depois de luta.

Quando a sociedade fechou as portas pela transformação política do país, em Novembro de 1957, possuíamos 120 delegações, sendo 33 em Minas Gerais, num total de 6.000 sócios. Um dos erros da 1a. diretoria foi o de se surgir contra os bailes, nós procuramos proporcionar bailes moralizados. Um outro erro foi o de desenvolver a luta contra o branco.

Procuramos dar ao negro noções de família, interessando-o no casamento dentro da lei, entusiasmado-o, oferecendo-lhe salões para festejar o acontecimento. Também procuramos interessá-lo na compra de terrenos".

Segundo os dados colhidos, a Associação de Negros Brasileiros, teve como propósito reunir os negros afim de prepará-lo para lutar contra os obstáculos à ascensão social em consequência da cor. Os meios de que se valeram consistiu em: 1) - desenvolver a consciência do grupo, ligada a atitudes de antagonismo contra o branco; 2) - desenvolver a consciência do grupo; pela divulgação da instrução combater o negro decaído e antagonista do próprio negro e evitar a atitude de antagonismo contra o branco; 3) - conseguir a aceitação do grupo dominante pelos valores profissional, educacional e pela força política.

O desenvolvimento de antagonismo do preto para o branco

resultou em acentuação da rejeição por parte do segundo. Resultados satisfatórios, do ponto de vista dos agremiados, se verificaram quando procuraram eliminar as atitudes de antagonismo para o branco substituindo-a pela atitudes de simpatia. Conseguiram então estabelecer intercâmbio social com associações de brancos, o apoio da imprensa, e o reconhecimento da Associação como entidade política. Os resultados práticos se fizeram sentir na colocação de pretos em empregos até então para eles vedados, e na remoção para a Capital de professoras de escolas do interior para as escolas da Associação.

f) - Atitudes reveladas em "Os Descendentes de Palmares(x), mensário da "Associação de Negros Brasileiros" (x).

"Os Descendentes de Palmares" foi um pequeno jornal de 34 cms. x 48 cms., contendo quatro páginas, mensalmente editado em São Paulo, pela "Associação de Negros Brasileiros".

Nossas observações, quanto às atitudes do negro por meio daquele mensário, referem-se aos dois últimos anos de publicação, começando com a 50a. emissão de 31-12-1935 e terminando com a 70a, editada em novembro de 1937.

Os artigos de colaboradores negros e mulatos contidos nos 19 exemplares sugeriram-nos sua distribuição em artigos que se destinaram:

- 1) - a promover a solidariedade dos negros, despertando-lhe a consciência de grupo, afim de reunidos se constituírem em força para a luta competitiva com outros grupos;
- 2) - a enaltecer o negro com o fim de eliminar seu sentimento de inferioridade;
- 3) - a difundir a instrução e a educação moral para colocar o negro em melhores condições culturais na competição com grupos não negros.
- 4) - afim de promover a solidariedade entre os negros, os

(x) - Por razões óbvias o nome da Associação e do Mensário são fictícios.

os associados procuraram desenvolver a consciência de grupo. Dos artigos que denotam a finalidade de reunir os negros numa associação e tentam promover laços de união relembrando situações passadas e presentes eivadas de sofrimento, destacaremos os seguintes trechos:

"É com prazer que experimentamos passar mais um marco da estrada da vida, distanciando-nos dos tempos inquisitoriais e semi-barbaros, falho de caridade cristã, carente de fraternidade humana que se chamou: escravidão. É lacrimojantes que sentimos a barbarie imperante daquelas épocas; e lacrimojantes que vemos, comovidos e revoltados, as iniqüidades praticadas contra homens, as atrocidades cometidas contra mulheres, as infâmias de mil matizes promovidas contra jovens, o desamparo em que ficavam as crianças. E com o coração confrangido, pungente de dor e paixão, que comparamos a progressão ciclista daquelas eras quando do escravo, a família jamais lhe fora possível constituir pela dispersão de seus membros, arrancados brutal ou astuciosamente de seu próprio "habitat" selavático. E eram pais que balbuciavam, estalando fibras do coração vibrátil e amoroso, o nome dos filhos, eram filhos que choravam o doce nome de mãe, eram irmãs, irmãos entregues à sanha "humanitaria" de outros homens sedentos de "civilização" - de progresso próprio haurido a custa de suor, da dor e desgraça secular da raça negra. É sorrindo qual felizardos - que vemos passar treze de maio levando-nos para longe do inglorioso jornadaio.

"É sorrindo, que vemos a majestade da obra que aqui nesta terra imensa de Santa Cruz - merce de Deus - realizamos, essa formidanda extensão de progresso sempre crescente, cujo alicerce, demarcação, defeza e economia, patrimônio, tradição, é dos nossos, e obra inegavel da raça mártir". (12)

"Estamos novamente no dia do povo negro. Treze de maio de 36... justamente 48 anos de distancia dos nossos antepassados tao desafortunados. Na verdade nós de hoje o não somos menos, porque eles tiveram a liberdade material, e nós a despeito de sermos libertos continuamos presos à escravidão pelo lado moral. A raça negra no Brasil é, incontestavelmente, vítima de impressionante injustiça. Injustiça tanto mais grave, quanto mais dura, quanto mais corre o tempo. Se o leitor se der ao trabalho de investigar o pensamento de cada homem negro, letrado ou ignorante, há de ficar pasmado. Há uma perfeita comunhão de ideias! Todos, ou a maioria, pensam duma mesma forma no tocante ao ideal. Todos sofrem do amesquinhamento e da diminuição; sentem o preconceito e as preterições; sabem dos vexames e do pouco caso. Sofrem pela marca indelevel de sua epiderme, pelo crime de terem nascidos escuros. De nada lhes serve o saber, de muito menos lhe adiantam as qualidades boas e a competência. A tudo que os faz superior se opoe um obstaculo: A cor.

A instrução, na opinião geral, é o primeiro dos grandes remedios; e preciso a todo custo fugir do analfabetismo. A economia o segundo a enfileirar. A formula unica de

salvação seria a união premente de todo elemento nacional.

Todos são cientes que chegariam à vitória somente pela Unidade Espiritual, pela reunião de qualidades morais e intelectuais. E se essa união, que é a aspiração geral da raça negra, não se processar dentro em breve, continuará a traição sistemática que ela vem sofrendo e relegada a planos inferiores. Convém reagir contra a onda avassaladora do pessimismo e da desagregação. Convém criar e amparar uma disciplina. Convém criar, manter, fortificar um Espírito-Uno". (13)

"Não relembremos a época gigantesca do "tinir de ferros e estalar de açoites" dos negreiros e das senzalas, pelo prisma horripilante dos quadros que se nos desenham à memória. Tenhamos apenas por histórico o martírio da nossa gente. Por razões do coração tenhamos um gesto de horror. Por lição da vida, que se previnha o futuro na dor do passado. Não tenhamos medo ao tinir de novos ferros, ao estalar de outros açoites. Construamos o futuro. Mocidade, aprendamos e edifiquemos para não sermos os Pai João do lirismo nem as Mães negras dos sacrifícios. Bebemos no passado a inexperiência do presente e sustamos a nossa aljava de lutadores. Legiões inquietas e irrequietas, a mocidade negra quer ver realizada a liberdade auroral de 88... Não mais se acena com a famosa igualdade que fez dormir a raça, pois que ela já compreendeu que há graduações e desigualdade". (14)

A linguagem rebuscada que se nota nos artigos do mensário ("Inglorioso Jornadeio", formidanda extensão, pag. pag.49; "sustamos nossa aljava", "a liberdade auroral" pag. 50; "lides de mercúrio" pag. 51) parece em consequência do mecanismo de compensação de sentimento de inferioridade.

Tornando-os consciêntes do sofrimento dos antepassados e de quanto sofrem atualmente os descendentes, tentavam mobilizar a energia para a coesão do grupo, ao mesmo tempo que faziam esforços para desenvolver objetivos comuns apresentando ideais como os de reivindicações:

"Aumenta sempre mais a compreensão das massas negras, a respeito de seu movimento de reivindicação de direitos e aperfeiçoamento nos deveres" (15)

"Destituídos de todos os preconceitos de classes e categorias, vamos unidos à conquista soberba dos nossos superiores objetivos. É preciso que se dê de fato a verdadeira carta de alforria ao homem negro, e que ele venha pela imposição inteligente, em virtude da ação dos homens que a orientam" (16).

- 13 - "Os Descendentes de Palmares", junho de 1936.  
14 - Idem Idem - maio de 1937.  
15 - Idem Idem - dezembro de 1935.  
16 - Idem Idem - abril de 1936.

"Que as durezas do passado sejam a melhor lição para o futuro... estamos integralmente sujeitos aos deveres de cidadão, e logicamente temos jus ao direito correlato ao dever - a integralização completa da Raça Negra na Comunhão Brasileira, na sua elevação moral e intelectual, artística, técnica, profissional e física, na sua defesa e proteção social, jurídica e econômica". (17).

- 2) - Percebendo o sentimento de inferioridade como obstáculo à realização do ideal de solidariedade e de ascensão social do grupo negro procuravam eliminá-los, enaltecendo-o:

"À Associação de Negros, em todo caso, se deve um serviço entre outros; a mocidade negra olhando sobre si mesma, começou a capacitar-se de que andava inferior aos brancos no trajar. É um começo de consciência. É a verificação de uma realidade nas aparências exteriores. Raro era em São Paulo, por ex., a negrinha que ousasse usar chapéu, de medo das chufas dos brancos e especialmente das brancas). Hoje são legiões as que usam essa indumentaria que nada é em si mesma, porém define uma atitude social. Também os moços negros tomaram bríos, e já se apresentam com mais alinho, com mais descência. Esse começo de consciência, como dissemos, quando a situação aparente tende naturalmente a atingir o aspecto cultural, o aspecto moral. É para o que vai contribuindo a Associação!" (18).

"Antigamente, antes das grandes imigrações que vieram ARIANIZAR o Brasil por iniciativa dos ilustres estadistas da estupidez, o comércio do país estava nas mãos ou de portugueses nacionalizados ou de seus filhos, e de negros livres, que livres vieram da África ou negros forros. Estes podiam ser de muitas raças africanas, mas cremos com boas razões, serem principalmente das raças maometanas ou maometizadas na cultura... Na Baía e outras províncias em que predominaram os estos e o orgulho nagô ou haussa, o instinto mourisco ou semita do comércio predominou por muito tempo, e assim, vimos neste século as tendas comerciantes dessa gente africana pompeando, orgulhosamente às vezes com inscrições em língua iorubá ou outros dos últimos falantes delas.

Isso passou. E, ainda há pouco e quiçá ainda agora, manifesta-se provocantemente nas fachadas dos estabelecimentos do comércio, os letreiros alemães, italianos, e outros, e ultimamente, clamantes na Noroeste, os dísticos japonezes... E o negro cada dia mais proletarizado, perdendo pelo roubo e outros processos mais ou menos lícitos... as suas posses, ficou quasi totalmente afastado das lides de Mercurio, cedendo lugar a todo mundo, escorraçado pelo preconceito também dos compradores, que, cremos, achavam mal deixar os negociantes italianos, sírios e outros para ir dar lucros ao patricio de cor preta. E o negro ficou somente nos misteres pesados de produtor ou assalariado ganhando misérias... E todavia com imenso gozo que começa a ver os negros perdendo o medo de voltar as gemas de cor, desde verdureiros, às vezes com grande despeito

dos outros, como temos observado. Os vendedores de jornais, até bem pouco tempo eram unicamente brancos. O mesmo se dava com os engraxates e outros serviços menos pesados. Pouco é isso, mas já é alguma coisa. Precisam os negros perder o amor às profissões de dependência, em que ficam eternamente submetidos a patrões que os desestimam e diminuem muitas vezes até no salário. Não é que queiramos sejam todos os negros comerciantes. Deve o negro ser tudo quanto são os outros... e também negociantes. E os compradores negros não devem fugir de comprar dos negociantes. Muito pelo contrário. Perçam pois o temor, patrícios, sejam lojistas, vendedores, mascates, como são os outros... Façam concorrência aos estrangeiros. Gritem, apregoem suas mercadorias com coragem. E teremos dado mais um passo a redenção da nossa Gente". (19).

"É do conhecimento geral a grande influência do elemento negro nas coisas do Brasil Colonial... Porque então preterir o negro nas funções que se coadunam com sua capacidade? Não se justifica o proverbio de que o negro é elemento inferior... De primeira ordem quer a Associação que todos o sejam, dada sua compreensão exata, como cidadão brasileiro, igual perante a Lei; e conscios do uso e gozo de seus direitos, pode e deve ascender a todos os cargos eletivos do País. E assim, o negro moderno, da era nova, era de força e de inteligência, não quer mais ficar na cosinha da Nação. Hoje ele tem um caminho a seguir, e seguindo-o, vai ficar na sala de visitas". (20)

"Não há o que um faça que outro não possa fazer - o valor deste "oraculo" renova-se literalmente na lentição dos seculos... Tais conceitos de tamanha transcendência certificam e abominam profundamente os pontos básicos dos sustentadores da inexistência de privilegios, entre as raças e o saber humanos que se diferenciam apenas pela perfeição cultural ou influencia do meio... O desenvolvimento progressivo que vem operando no antigo e misterioso contingente negro mormente na sua rica e privilegiada região sul - onde se assinala a existência de numerosas cidades que surpreendem pelas suas perfeitas organizações urbanísticas - ... Para a raça negra universal mormente a sua juventude, esses dados dispensam maiores comentarios porque espelham radicalmente a importância que assume esse eco reconfortante da terra mater - Sede da nossa origem, transmitido pelo prestigioso orgão britânico e por esse meio não ficaremos privados de expor ao mundo, que a nossa capacidade intelectual e produtiva não são aquelas delimitadas pelo nosso silêncio e retraimento". (21).

"Hoje por intermedio de uma organização como a nossa, procuramos todos os meios para que sejam ditas as verdades sobre a nossa gente. Pois que se não estivermos alertas, só nos taxarão ineptos, incompetentes e outras coisas mais, num sentido maldoso para nos amesquinhar perante os olhos do mundo civilizado. Tratando-se de se fundar escolas, alfabetizando e dando um sentido de vida mais ritmada, oferecendo assistência social ao negro, cremos que esse seja o melhor modo de se contribuir para a grandiosidade da nacionalidade e da Nação Brasileira". (22).

- 19 - "Os Descendentes de Palmares", agosto de 1936.  
20 - Idem Idem - setembro de 1936.  
21 - Idem Idem - dezembro de 1936.  
22 - Idem Idem - setembro de 1937.

Em alguns artigos (pag. 51) investem hostilidade aberta contra os imigrantes por considerá-los os usurpadores dos negócios que até então estavam em suas mãos. Mas se queixam também dos compradores que dando preferências ao imigrante deixou-os reduzidos à penúria.

- 3) - Pela elevação dos níveis econômico, intelectual e moral viam os agremiados o meio para a ascensão social do negro:

"O negro, muito mais que o branco, é pobre individualmente e paupérrimo coletivamente. As condições de vida para o negro dificultosas em extremo, pois agora vai ele saindo da condição servil e estimulando-se pro-independência financeira, não permitem ainda que cuidemos com real vantagem do assunto, mas entretanto queremos crer que não seja cedo para se ir despertando nos "egos" sociais o desejo de promover a par da independência moral-intelectual, a autonomia econômica. Infelizmente, aqui no Brasil, nosso país e muito especialmente em nosso amado São Paulo, o negro não obstante várias tentativas, ainda não conseguiu atingir o estado social e político a que tem direito, pela sua qualidade de precursor máximo e deste colosso que se chama Brasil dos brasileiros, e por mais que o queira e o faça, dada a falta de educação cívica e literária de que é possuído, dificilmente chegará a meta que por direito e justiça lhe pertence. Nestas condições, o negro brasileiro, dentro de seu torrão natal, está fadado a um papel de inferioridade e sacrifício. Carregam-nos de trabalho e não nos dão os meios compatíveis com as necessidades que nos rodeiam. Dai a necessidade imperiosa de tornar-se uma realidade útil e de proporções grandiosas a nossa união de vistas. Seríamos indolentes se a não conseguíssemos, frente a compreensão e o capricho da maioria dos nossos patrícios brancos, porque so assim farão um exame de consciência... Percebendo agora do quanto temos sido ludibriados devido a nossa fidelidade, lealdade e bom humor a par de nosso pouco ou quasi nenhum cultivo intelectual, urge que procedamos com cautela, mas com convicção esclarecida... O que podíamos e não podemos tolerar e consentir, é que sejamos dia a dia diminuídos e não podemos tolerar e consentir pelos nossos iguais em alma e corpo e sangue, sob os epítetos mais vis, por não termos a epiderme branca. (23).

"A Associação tem de incluir no cadastro de suas realizações de assistência e defesa da raça martir o combate sistemático ao alcoolismo, como medida salvadora e moralizadora. Campanha essa que deverá também ser empreendida vigorosamente pelos chefes de família, educadores culturais e domésticos, sociedades, clubes e outros cooperadores". (24).

"Direito natural que assiste a todos os agrupamentos humanos, as paradas da elegância, os "footings",

23 - "Os Descendentes de Palmares", outubro de 1936.

24 - Idem Idem janeiro de 1937.

os passeios são complementos dos hábitos sociais dos civilizados... A gente negra, minoria já se vê, também gosta de "footings". Nada de estranhável, que lhe assiste logicamente esse direito natural... É a mesma rua Direita recebe a avalanche de passeantes que rodam incessantemente, cobrindo na curteza da trajetória dessa via, distâncias incalculáveis. Tudo muito bem. O que porém não pode prevalecer o que de nenhum modo pode continuar, e o círculo viciado daquela passeata; e a pouca vergonha que se nota; o descaramento das ações praticadas que fazem corar um "Frade de pedra". É preciso acabar com os ajuntamentos de Dons Juans sem escrúpulos, de rodinhas de incomportados. É necessário extinguir esses focos de obscenidades que provocam as cenas mais escandalosas; esse misturar de homens e mulheres sem a mínima sombra de pudor, sem nenhuma compostura. É urgente terminar com esse relaxamento que depõe contra os nossos foros de raça progressista. É imprescindível uma reforma nos costumes, nos gestos nas ações e sobretudo nas galanterias de lúpanar que ali campeia livremente. É necessário cessar esse centro demoralizador da raça (nobre raça sobre a qual uma pequena mancha se torna uma nódoa tremenda). As sociedades de bailes cumpre esse trabalho salutar. Só a roupa não resolve o caso. É preciso código de civilidade. A quasi totalidade dos referidos passeantes são bailarinos e por isso aos diretores dessas agremiações, cabe a tarefa moralizadora. Pelo brio de uma pleidade que reconduz a raça ao seu verdadeiro lugar e de urgência por freios as libertinagens, aos atrevimentos que fazem da Rua Direita dominical, o espantinho das famílias. Escola e moralização, respeito e sobriedade, mais elegância, disciplina, educação, antes que outras medidas tomadas. A ação pois Sociedades dansantes, disciplinar seus associados, ensiná-los a se portar como "gente" e depois ao "footing". (25).

"Negro, não te envergonhes de ser negro! Alista-te nas nossas fileiras se é que queres elevar o nível moral e intelectual do negro.

Negro! Não fraqueje, mire em o vosso símbolo, símbolo de nossa gente e promete... Promete e ayança, que a caminhada através desses dias tenebrosos são espinhosos, para se alcançar o mais alto píncaro desse imenso e estremecido Brasil.

O Sr. ou a Sra. não tem admiração pela música? Não tem vontade de aprender? Ora! porque não procura matricular-se no Curso Musical da Associação Brasileira de Negros? O professor Pedro ensina pelos métodos mais práticos e eficazes.

Experimente e veja.

É tão bonito e tão útil uma pessoa preparada. O sr. ou a sra. não acha?

Porque então não se matricula no Curso de formação Social da Associação Brasileira de Negros? Para a Alfabetização a Associação mentem dois cursos: diurno e noturno, para menores e adultos. Não estudará quem não quizer. Para informações, na portaria da Associação.

MORAL !... MORAL !... Eis o que é necessário que repitamos a todo momento neste caminhar incessante do progresso. É preciso que preguemos a todo instante e em todas as rodas Moral... Moral...

"Instrução é que o negro precisa. O negro deve procurar instruir-se, se é que quer libertar-se dos

grilhões da ignorância e querbrar as algemas vergonhosas do preconceito que o faz aniquilar".

"Gostas de representar no palco? Tens dom para isso? Porque não procura desenvolver-se inscrevendo-se no Departamento Dramatico da Associação Brasileira de Negros? Para melhores informações, procure o diretor desse Departamento todas as has. feiras, a noite na sede da Associação.

NEGROS ! Precisamos de uma mocidade sadia, despidada de vícios, bastante obediente, e liberta da ignorância. Urge, pois, que trabalhemos incessantemente para combater grandes males que há seculos, vem flagelando a nossa raça. No meio negro, é necessario que se seleccione e se expurgue a erva daninha, que a tenta corromper". (26).

O desenvolvimento da consciência de côr, para tornar realidade pratica o desejo de união, constituiu o primeiro objetivo dos agremiados. Procuram os líderes demonstrar toda a situação social de injustiças que vitimavam o negro, e por outro lado enaltecer-lhe qualidades, valores e sua grandiosa contribuição no Brasil Colonial. Consideraram a urgência de elevar o nível econômico, intelectual, moral e social do negro por meio de processo educativo e pela força politica dado o reconhecimento da Associação pelo Governo.

Entretanto, aquele programa de atividade da Associação de Negros, cuja última finalidade estava na "integração completa do negro em toda a vida social do País", encontrou dificuldades para a efetivação:

"... Desfalcado de valores afirmativamente negros, pelo branqueamento das epidermes dos antigos valores negros abastados, fugidos a grei da gente negra pela mestiçagem e pelo preconceito (pois geralmente o maior inimigo do negro é o branco neto de pretos) o povo negro ficou sem chefes naturais..." (27).

"Aqueles que dirigem a Associação têm observado que apesar de grandes esforços a obra de consolidação da raça tem sido lenta. Parece que ha um germen desconhecido, que ataca as nossas instituições, enfraquecendo-as e nao as deixando viçar em toda sua pujança..." (28).

"Mas porque não se unem? Porque, sabendo-se vítimas de um mesmo mal nao combatem, conjurando esforços? Porque, se todos padecem da mesma crise? Porque sendo muitos os sofreadores ainda não se firmou em cada espirito, como se fora obsessão, a urgência de se ir criando elos indestrutíveis a façanhuada ação dos desarticuladores? Porque não sufocar a tola vaidade de personalismo? Porque não suplantar a flora ma da incompreensão? Porque não superar a ambição e a inteligencia se os louros da vitoria far-se-ão de todos? Porque se é de interesse vital essa familia não se congrega sob uma

---  
26 - "Os Descendentes de Palmares", dezembro de 1935.  
27 - Idem Idem - dezembro de 1935.  
28 - Idem Idem - junho de 1936.

só lei, para desfazer injustiças? Porque ação dispersa se sendo ela conjunta, mais facilmente alcançaria o alvo? Porque não estender mais a campanha nacional? Porque essa desagregação no agir? Se todos sabem que da união surgiria a independência almejada? Porque a incompreensão coletiva, se particularmente o ideal de um é o ideal de todos. Porque cisão se o programa é único? Porque desnorteios, prevenções, intransigências? "Todos estão cientes que chegariam à vitória somente pela unidade espiritual, pela reunião de qualidades morais e intelectuais.

E se essa união, que é aspiração geral da raça negra, não se processar em breve, continuará a traição sistemática que ela vem sofrendo e relegada sempre a planos inferiores. Convém reagir a onda avassaladora do pessimismo e da desagregação. Convém criar e amparar uma disciplina. Convém criar, manter, fortificar um Espírito Uno". (29)

"Não sabemos de mal maior que campela entre nós que o da ignorância. Não sabemos se é uma das contas de fatalidade que muito pesa no rosário pesadíssimo do infortunio lendário, que a raça descendente de Cam carrega através dos tempos. Ela, a ignorância, como um estigma ferrenho e cruento aniquila o espírito de compreensão e tolerância que deverá ser o das massas negras no Brasil. Ela é responsável pela anarquia social de nosso meio e opera como geradora de odios inconcebíveis e de mesquinhas inimagináveis. Ela faz periclitar, ou pelo menos, estacionário o surto de progresso de nossas agremiações de maior vulto e destaque, provocando o personalismo tolo, as ambições de grupo, as inverdades e outros vícios não menos desagradáveis e degradantes. Ela é o germen da incompatibilidade que de há muito atrapalha e muito impede a maior e melhor unificação dessa família imensa de negros nacionais... A burrice, a negação de toda capacidade, a deselegância de crítica, a baixeza de conceitos, a descortesia, as injustiças, as mistificações, etc... Não acreditamos, hoje, na vitória do negro enquanto houver arraiais de ignorância crassa. Urge reagir e construir. Reagir contra mentalidade tacanha que nos prende; reagir contra a pequenez do gesto; reagir contra a presunção; reagir contra a intolerância; reagir contra o desrespeito e o desprestígio; reagir contra os perversos e indisciplinados; reagir contra os insinceros e os transfugas. Construir sólidos "eus" morais; construir escolas e mais escolas, cursos e mais cursos... É um dever de nossas associações abrir escolas, difundir instrução, semear livros, criar uma nova mentalidade que não se curve às instigações, que não tema os arreganhos porque só sabe a verdade e age pela verdade e pelo direito. Uma mentalidade diferente da de nossos dias eivada de odios e mesclada de despeitos. Não se pode conceber o progresso coletivo sem o progresso individual. A liberdade que gozamos só poderá ser liberdade real quando o negro viver livre de preconceitos de outro negro. É preciso para isso extinguir-se a burrice" (30).

"Visitando um domingo a Sede da Associação, fiquei muito satisfeito com tudo que observei na casa de meus irmãos negros. Com pesar vejo que meus irmãos de cor que conseguiram seus diplomas de médico, advogado, en-

genheiro, professor e dentista olhando com indiferença para essa magnífica iniciativa de cultura, trabalho de educação dos negros pequenos e humildes.

Muitos dos nossos irmãos que têm seu pergaminho pelas nossas escolas superiores dizem que sua posição social não permite imiscuirem-se com seus irmãos humildes e boçais". (31),

"Do meu cantinho, tenho observado que o negro não tem amor em tudo que é seu." Quando se trata de uma associação que não é dele, e o preto é chamado para prestar seu concurso, que seja grátis ou remunerado, ele vai com o peito descoberto, com amor, constância e lealdade, em tudo e por tudo. Tenho observado que em certas casas comerciais os meus irmãos pretos e mulatos ocupam um lugar humilde; fora em associações que não são dos nossos irmãos negros, os mesmos ocupam lugar elevado. Sabem, meus irmãos negros, porque ocupam esse lugar? É porque eles são pessoas de confiança dos membros que compoem essas associações, esses irmãos negros na ausência da diretoria são: secretários, tesoureiros, procuradores e zeladores e não querem outra vida. Há assim muitos dos meus irmãos negros que são tudo nesta vida porque estão cobertos desse elogio: este preto sim, é preto na cor, mas branco nas ações. Quando uma associação não é de negros qualquer lugar lhe serve. "Que incoerência, meus irmãos negros". (32).

31 - "Os Descendentes de Palmares", julho de 1936.

32 - Idem Idem - janeiro de 1937.

Análise do material referente à "Associação de Negros Brasileiros"

O material colhido no estudo da "Associação de Negros Brasileiros", por meio de entrevistas e pelas opiniões emitidas em seu mensário evidencia a natureza daquela associação de homens de cor como organização gerada pelo preconceito de cor entre negros. Considerando que "a causa de uma atitude está sempre num valor e numa atitude pre-existentes" e que "esta afirmação equivale a dizer que o fenômeno individual tem ambas as causas, a individual e a social" (33), as atitudes dos pretos e mulatos referentes à cor reciprocamente fundamentam a hipótese positiva quanto à existência de discriminação de cor, do branco para o negro. O fato do mulato das classes sociais intermediárias não participar na Associação, assim como a atitude do negro para ele e vice-versa, expressa nas afirmações como - "geralmente o maior inimigo do negro é o branco neto de preto" ou "deante do desprezo, do desdém, do pouco caso e do desprestígio de que somos vítimas, especialmente da parte dos brasileiros brancos mestiços, cumpre aos negros agir com segurança e presteza" - demonstram, em tese, a exclusão do mulato (das classes sociais intermediárias) da coletividade de pretos. De modo geral, os mulatos que pertenceram à Associação eram pessoas da classe social "inferior" e foram considerados pretos.

Citando alguns traços característicos da "história natural" dos movimentos nacionalistas, apresentados pelo Prof. Donald Pierson, na 15a. aula na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo sobre Raça e Cultura, fazemos um dos pontos de referência para a análise do movimento promovido pela "Associação de Negros Brasileiros".

- 1 - O isolamento prévio cede lugar ao contato cultural com um grupo de estranhos. O ponto básico fundamental de um movimento nacionalista é um opressor real ou imaginário, e um senso de opressão.

33 - Faris, Ellsworth, *The Nature of Human Nature*, and other Essays in Social Psychology, First Edition, N. York Mc Graw-Hill Book Comp. In. 1937.

- 2 - Muitos nativos enquanto isso receberam educação e treino que os isolaram inconscientemente do resto do grupo. Participando agora, pelo menos em parte, de duas culturas, tornam-se "híbridos culturais", sentindo-se estranhos a ambas. Ocorrendo ao mesmo tempo a miscelagem, um grupo de mestiços surge cuja marginalidade racial, acrescida à sua hibridação cultural, os torna ainda maiores estranhos nas duas culturas.
- 3 - Desenvolvem-se as cidades, onde os nativos e os mestiços tendem a se localizar na medida em que são aceitos pelos conquistadores, ligando-se às culturas invasoras; na medida, porém em que não são aceitos mas repelidos pelos conquistadores, voltam-se eles para sua própria cultura.  
"Dizem eventualmente aos nativos de sua terra: "você são melhores do que pensam; porque não procuram melhorar para que não nos envergonhem de vocês?"
- 4) - Surgem, então, líderes auto-conscientes, quasi invariavelmente híbridos raciais e culturais, que se dedicam a despertar na população nativa, com auxílio da imprensa nativa, da língua, da literatura e das artes de folk revividas, a consciência de grupo essencial ao ulterior desenvolvimento do movimento. "Estes homens marginais, que tinham deixado por algum tempo seu próprio grupo e vivido ou tentado viver em outro, voltaram agora definitivamente para seu grupo original, cheios de sonhos e aspirações do que ele se pode tornar.
- 5) - A consciência de grupo espalha-se entre a população nativa e cresce de intensidade com o desenvolvimento consequente de novos desejos que se definem em termos formais.
- 6) - Define-se finalmente um programa, que contém finalmente uma exigência de autonomia política".

O negro transportado para o Brasil, afim de suprir as necessidades do trabalho escravo, era disperso pelas plantações de cana de açúcar, sendo, portanto, colocado em condições que favoreciam a perda mais rápida de sua organização social e cultural. Por outro lado através de contato primário com o "senhor" ou na "casa grande" estava em situações propícias para assimilar outra cultura.

A "Associação de Negros Brasileiros" apresenta-se como ensaio de um movimento coletivo, liderado por negros conscientes de seus status ligado à barreira da cor. Depois de íntimo convívio com o branco, do qual absorvera a cultura, o negro se sentia repellido e afastado de algumas esferas sociais do branco, circunstância que o tornava consciênte da cor. Procurou, então, voltar-se para o negro tentando reuni-lo com o fim de conseguir ascensão e acesso em todas as esferas sociais, a par do status ocupacional das classes sociais

intermediárias que alguns desfrutavam. Os líderes negros tiveram de lutar contra a falta de sentimento de solidariedade entre eles ao mesmo tempo que prestigiavam o branco.

Dado o sentimento de rivalidade e antagonismo entre os negros, ainda que existindo o desejo de união, surgiam os obstáculos para a efetivação da agremiação. Tais dificuldades seriam a expressão da intensidade com que o negro tinha incorporado ideias, atitudes e sentimentos do branco, e até certo ponto a medida em que eram aceitos pelo grupo dominante. Acharam os líderes necessário conduzir o negro contra o branco, demonstrando-lhe a condição de inferioridade social em que viviam em consequência da opressão e da discriminação do branco. Elevou-se a animosidade do preto contra o branco, mas também se desenvolveu a dos brancos contra o preto.

Esta experiência realizada pela Associação de Negros parece denotar a acomodação social entre brancos e pretos baseada no recalçamento de hostilidade entre eles, recalçamento revelado nas atitudes de submissão do preto dado seu temor às reações do grupo dominante.

Percebendo o aumento da reação do grupo dominante, os líderes da Associação imprimiram nova orientação para a consecução dos planos de luta contra as restrições feitas à côr. Consideraram que a luta devia dirigir-se não diretamente contra o branco, mas contra o negro antagonista do próprio negro. Os dirigentes do movimento, considerando a ignorância e o sentimento de inferioridade como geradores de antagonismo entre os negros, passaram a empenhar-se em enaltecer a raça, em promover a educação e desenvolver a instrução. Com a elevação do nível intelectual e moral, os líderes visavam desenvolver o sentimento de solidariedade e impôr-se ao branco, para cuja finalidade se constituíram em entidade política. Lastimavam, porém, que os negros médicos, advogados, engenheiros, professores, etc., se mantivessem alheios ao movimento, verificando-se um desfalque de elementos valiosos para a atuação do grupo, também referindo-se com animosidade à falta de cooperação do mulato.

As dificuldades encontradas pelos agremiados para promover o programa de reivindicação de direitos sociais, eliminando as restrições na base da cor, mais uma vez revelam o grau em que o negro incorporou a cultura do grupo dominante, inclusive os pontos de vista referentes a si próprio. Enquanto na classe social inferior o negro se ajusta por conformismo e convívio com o branco, o negro das classes sociais intermediárias se ajusta isolando-se, e procurando compensar a satisfação do desejo de correspondência e consideração por meio das relações sociais circunscritas às esferas do status ocupacional.

A mestiçagem sempre operou em sentido favorável à assimilação do negro à cultura e ao estoque biológico do grupo dominante, dadas as circunstâncias anteriores. Desde os tempos coloniais se desenvolveu no Brasil uma atitude positiva para o mestiço. Tendo imigrado poucas mulheres brancas, os portugueses uniam-se às indígenas, ligações estas que posteriormente passaram a ser legalizadas pela Igreja.

A miscegenação, diz Donald Pierson (34), principalmente quando ligada a intercasamento, resultava em laços sentimentais entre pais e filhos, laços que obstavam o aparecimento de atitudes de preconceito de raça e ao mesmo tempo colocavam os mestiços em posição favorável à ascensão social.

Gilberto Freire, em Sobrados e Mucambos, apresenta a ascensão social do mulato relacionada à disposição do "senhor" para alforriá-lo, aos contatos primários com brancos por ser preferivelmente escolhido para empregado doméstico, e a ascensão social ligada ao prestígio do bacharel, em uma sociedade cuja aristocracia se transferia para a toga. Afirma Gilberto Freire, "A favor da transferência deles, (mulatos cor de rosa) do número de escravos para o dos livres ou de sua ascensão social de pretos para brancos, houve sempre uma poderosa corrente de opinião, ou antes de sentimento, isto desde o século XVIII. Em 1773 já um alvará del-Rei de Portugal falava de pessoas "tão faltas de sentimentos de Humanidade e de Religião".

34 - Donald Pierson - 2a. Conferência "O Negro no Brasil". Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

que guardavam nas suas casas, escravos mais brancos do que êle com os nomes de pretos e de negros". (35).

Em sua 2a. Conferência sôbre "O negro no Brasil" Donald Pierson considera estar ocorrendo um aumento no número de mestiços, através do decréscimo do elemento africano, e não do europeu, em vários pontos do Brasil.

O mulato das classes sociais intermediárias não participou da Associação de Negros Brasileiros, fato que dá um indício sôbre sua posição social e racial. Êle não sentiu necessidade de se agremiar talvez por se incorporar, mais facilmente do que o negro, ao grupo dominante.

---

35 - Gilberto Freire, Sobrados e Mucambos, São Paulo 1936, -pg.327.

RESUMO E HIPÓTESES PARA PESQUISA POSTERIOR

Constituído a situação racial nosso campo de estudo, circunscrevemos a observação a um aspecto particular nas atitudes raciais manifestadas por pretos e mulatos. Partindo do conhecimento do sentido manifesto das atitudes de tais indivíduos, procuramos compôr hipóteses sôbre elas. Tivemos, portanto, de abordar processos sociais e psicológicos para depreender o significado das atitudes manifestadas. Se conseguíamos definir os mecanismos psicológicos, pelos quais os indivíduos se ajustavam, eramos forçados a depreender em função de que condições exteriores se estabeleciam. Pareceu-nos legítima a possibilidade de conhecerem-se até certo ponto as atitudes raciais de um grupo étnico através das reações de outro grupo com o qual interaja. Fomos pois conduzidos a formular hipóteses sôbre as imposições sociais decorrentes da estrutura social, o que equivale a dizer que também procuramos nas atitudes de pretos e mulatos o reflexo das atitudes dos brancos.

As relações raciais, segundo Park (36), "são as relações que ordinariamente existem entre membros de grupos étnicos e genéticos diferentes, os quais podem provocar conflito racial e consciência racial ou determinar, o status relativo dos grupos raciais, dos quais uma comunidade é composta. Por meio de entrevistas e de opiniões emitidas nos jornais de uma associação de homens de côr, obtivemos elementos para conhecer as atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo, e formular hipóteses quanto à concepção deles sôbre si mesmo, a consciência de côr, seu status ocupacional e social, e sua acomodação social.

Distribuímos os casos entrevistados em dois grupos confor-

36 - Robert E. Park, "The Nature of Race Relations," Race Relations and the Race Problem, Thompson, pg. 3.

me a cor do entrevistado e de seus genitores: 1) pretos e 2) pardos. Subdividimos cada um destes grupos em dois subgrupos consoante a classe social: 1) classe social "inferior", e 2) classes sociais intermediárias.

Verificamos que as atitudes raciais diferem, apenas em grau, em relação à cor e à classe social. Os pretos da classe social inferior manifestaram atitudes de rivalidade, antipatia, desprezo, antagonismo, e inveja para outro preto, enquanto demonstraram atitudes de simpatia e melhor entendimento para o branco. Todavia, os pretos entrevistados lastimaram a falta de solidariedade entre eles. Dos 7 casos da classe social inferior apresentados, 4 referem-se a pessoas casadas com pretos; 1 a uma pessoa que teve ligações ilícitas com um branco, um mulato e um preto; 1 se refere a pessoa casada com um mulato, e um caso de pessoa solteira. Uma entrevistada apresentou a opinião de que o preto deve casar-se com preto, pois, desagrada o casamento de preto com branco, pelo significado de que o preto que assim procedesse estaria desprezando o preto. Tais atitudes constituem um indício de que a simpatia para o branco tem por traz lastimações pelo fato de os pretos não serem unidos.

Interpretamos as atitudes de antagonismo do preto para o preto e de simpatia para o branco, como resultado da projeção das condições subjetivas decorrentes do sentimento de inferioridade. Em tais condições emocionais o preto é levado a repelir o preto e a ser mais suscetível ao desprezo de outro preto ou mulato do que ao desprezo do branco, assim como a procurar conviver com o branco, conquistando-lhe a simpatia para compensar o sentimento de inferioridade. As atitudes originárias do sentimento de inferioridade podem determinar a ascensão social do preto e do mulato que se processa pela ascensão ocupacional verificada entre indivíduos de inteligência bem dotada e que encontraram estímulos nos contatos primários com o branco.

Entre os pretos das classes sociais intermediárias as atitudes derivadas do sentimento de inferioridade tornam-se mais e-

videntes. Os indivíduos não só procuram o convívio íntimo com o branco, situação única para lhes dar auto-afirmação, como se isolam do preto. Lutam conscientemente para conseguir a aceitação do grupo dominante. A luta, é diretamente conduzida no sentido de eliminar o sentimento de inferioridade proveniente da concepção de si próprio, concepção esta que resulta da introjeção da atitude do branco. Enganam-se, então, em conseguir status ocupacional das classes sociais intermediárias conquistando diploma de cursos secundário e superior, ou habilidades profissionais. Mas apesar do esforço para valorizar o capital humano pela instrução, o preto continua sentindo-se rejeitado em certas esferas sociais, rejeição que o traumatiza e desenvolve a consciência de côr.

As esferas sociais das quais se vê banido, parece que se referem àquelas que exibiriam publicamente a intimidade entre o branco e o preto. Segundo o depoimento dos entrevistados, há restrições por parte do branco à presença do preto em festas familiares, ou para ser companheiro do branco em certos ambientes recreativos, casinos por exemplo, ou em festas de formaturas. A distância social se faz sentir no casamento, o qual conforme as palavras dos entrevistados, se torna um problema visto ser obstado o casamento de preto com pessoas brancas das classes sociais intermediárias.

Quanto aos mulatos da classe social inferior, a consciência de côr parece mais pronunciada do que entre os pretos da mesma classe social por agirem sempre pensando na côr. Procuram defender-se da ofensa de ser chamado "negro", defeza que pode influir na escolha do conjuge. Êste fato se achã fundamentado por várias atitudes dos entrevistados: no caso nº 14 a entrevistada afirma que se casará com um "patrício" (preto) para que não falem dela, ao passo que a irmã evita o preto e deseja casar-se com branco; o caso nº 16 se refere a uma parda que se casou com preto para jamais ser chamada de "negra" pelo marido; o caso nº 17 refere a situação de uma moça parda contando mais de trinta anos de idade que se conserva solteira a espera de marido branco.

A sensibilidade do mulato ligada à cor refletiria no nível mental o fato de socialmente ser aceito pelo preto e pelo branco. Mas se pelo temor de ser chamado "negro" procura um preto para consorte seria evidência de que o branco não só pode aceitá-lo como pode rejeitá-lo.

Difere a posição dos mulatos das classes sociais intermediárias em razão de sentirem escutada a necessidade de defesa de sua inclusão entre os pretos. Procuram casamento com branco ou descendentes de pretos com aparência de branco e fogem de todas as situações que possam identificá-los com o preto. Por sentimento de vergonha evitam sempre a companhia do preto. Adquirindo símbolos do grupo dominante, o mulato consegue integrar-se naquele grupo, mas em sua personalidade permanecem, como seqüela, a hipersensibilidade ligada à consciência de cor e ao sentimento de inferioridade.

Através dos entrevistados observamos que o preto e o mulato têm concepção desfavorável de si mesmo, como reflexo da concepção do branco para eles, dada a influência dos contatos primários, principalmente da infância. Consideram-se inferiores, feios, e se sentem envergonhados por sua origem. Quanto mais subimos nas classes sociais tanto mais aumenta a consciência de cor e tanto maior o esforço dispendido para compensar o sentimento de inferioridade. Ao mesmo tempo que se empenham em desenvolver valores pessoais para eliminar a concepção desfavorável, procuram a auto-afirmação na conquista da aceitação incondicional por parte do branco. Consequentemente resulta uma luta por status ocupacional, onde encontram menor resistência, e uma luta por status social mais árdua dada as barreiras das distâncias sociais na linha de cor. Os casos apresentados demonstraram que obtêm ascensão social os indivíduos de cor dotados de inteligência e que desde a infância tiveram estímulos sociais nos contatos primários com brancos. Entretanto a ascensão ocupacional não confere ao preto o mesmo status social do branco consideradas as restrições demarcadas na linha de cor, ao passo que ao mulato garante sua inclusão no grupo dominante, embora em sua personalidade

permaneçam as consequências do conflito mental.

A "Associação de Negros Brasileiros", segundo nosso entrevistado, e as publicações do mensário daquela entidade, resultaram do esforço de pretos conscientes no sentido de reunir os pretos e despertar a consciência de grupo, afim de eliminar a concepção de inferioridade ligadas às pessoas de cor e dêste modo vencer as barreiras para a ascensão social do negro. Para desenvolver a consciência de grupo e o sentimento de solidariedade os líderes do movimento relembavam o passado comum de sofrimento da época da escravidão e as "injustiças", que por preconceito continuavam atingí-los, restringindo-lhes as possibilidades de vida melhor. Inicialmente os líderes tentaram congregar os negros pela mobilização de animosidade contra o branco. Dada a reação do branco, acentuando as atitudes de rejeição, os agremiados resolveram imprimir diferente orientação ao movimento. Tentaram uní-los enaltecendo-os, valorizando-os pela instrução, afim de que eliminando a concepção de "gente inferior", caíssem as barreiras de distância social para sua ascensão. A luta passou a ser do preto contra o preto, ou melhor, do preto contra a concepção de inferioridade ligada à cor. Conseguiram cativar novamente a simpatia do grupo dominante e mesmo algumas vantagens como o ingresso de pretos na Guarda Civil. Em tôdo o movimento encontraram grande dificuldade por se sentirem desfalcados de elementos de valor para o grupo-professores, médicos, advogados pretos e mulatos - que se mantiveram alheios, isolados e afastados do movimento.

A "Associação de Negros Brasileiros" representou uma tentativa de pretos conscientes para lutar contra as restrições do branco, despertando a consciência de grupo, desenvolvendo um programa definido de reivindicações referentes aos aspectos econômico, social e político. As dificuldades para conseguir reuni-los, a indiferença de pretos e mulatos das classes sociais intermediárias revelam a intensidade com que o preto incorporou os ligantes e conceitos do branco.

O material colhido pelas entrevistas e o referente à As-

Associação de Negros Brasileiros sugere as seguintes hipóteses:

- 1) - Os indivíduos de cor têm concepção desfavorável de si próprio, em consequência de intenso processo de identificação através do contato primário com pessoas do grupo dominante principalmente na infância.
- 2) - Os indivíduos da classe social inferior ajustam-se inconscientemente àquela concepção, manifestando antipatia para o preto e simpatia para o branco, de onde resulta uma ordem social de relativo equilíbrio. Pelas manifestações de atitudes de simpatia do preto para o branco, diminui a oportunidade para ativar a consciência de cor.
- 3) - A ascensão social do preto dar-se-ia através da ascensão ocupacional, sem entretanto eliminar de todo a distância social na linha de cor. Nas classes sociais intermediárias os indivíduos manifestam consciência de cor, que se constitui em estímulo para a luta por status. Dado o grau em que os pretos introjetaram os pontos de vista do branco, também no que se refere a si próprio, eles se ajustam por conformismo e isolamento, isto é, conformam-se lastimosos com as restrições do grupo dominante e se isolam do preto, nos aspectos sociais vedados pelos brancos.
- 4) - Embora hipersensível o mulato se integra no grupo dominante, desde que apresente símbolos de valor positivo.
- 5) - "Quando algum equilíbrio relativamente estável foi alcançado, diz Park (36), a intensidade da consciência racial, que é motivada pela luta por "status" e não simplesmente pelo preconceito, é medida pelo "quanto da vida". Ajustamento pelo convívio in-

com os brancos, na classe social inferior, ou por conformismo e isolamento nas classes sociais intermediárias os pretos cessam de lutar, resultando a acomodação social de relativo equilíbrio.

O preconceito racial, mais uma-vez-citando Faris (37), tende a ser sustentado por argumentos, sendo reconhecido como um sentimento de antipatia ou uma tendência para afastar ou limitar os contatos sociais. Os dados colhidos demonstram que há distância social ou limitação social entre pretos e brancos, situação esta percebida quando se observam as classes intermediárias.

- 6) - A ordem social parece ter equilíbrio na seguinte situação:
- a) - simpatia do preto para o branco;
  - b) - repressão da revolta e do descontentamento por medo da reação do branco;
  - c) - derivação da luta contra o branco na eliminação da concepção de inferioridade pela ascensão ocupacional;
  - d) - tratando-se do mulato, além da ascensão ocupacional, o casamento com branco para sua inclusão no grupo dominante.
- 7) - Pela integração do mulato no grupo dominante das classes sociais intermediárias, sugerimos a hipótese de tratar-se de discriminação baseada na cor, visto perder significação desde que o indivíduo apresente características do grupo dominante, e na medida que sua pele vai "branqueando", não sendo portanto levada em conta sua origem.

37 - Elsworth Faris, *The Nature of Race Prejudice*, (New York and London, 1937), pp. 30-31.